CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA

MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

ROBERTA DA SILVA LIMA

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O USO DA FERRAMENTA TECNOLÓGICA "REALIDADE VIRTUAL AUMENTADA" JUNTO À PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO DIALÓGICA E ANTIRRACISTA

RIO DE JANEIRO

2022

ROBERTA DA SILVA LIMA

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O USO DA FERRAMENTA TECNOLÓGICA “REALIDADE VIRTUAL AUMENTADA” JUNTO A PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO DIALÓGICA E ANTIRRACISTA

Projeto de Pesquisa apresentado à coordenação do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação da UniCarioca da linha de pesquisa de Desenvolvimento, Estratégias de Uso e Avaliação de Tecnologias Digitais na Educação Formal.
Orientador: Profª Dra. Verônica Eloi de Almeida, Prof. Dr. Alessandro Jatobá

Rio de Janeiro
2022

ROBERTA DA SILVA LIMA

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O USO DA FERRAMENTA TECNOLÓGICA "REALIDADE VIRTUAL AUMENTADA" JUNTO À PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO DIALÓGICA E ANTIRRACISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram de forma remota desta defesa de dissertação.

Examinado por:

Verônica Eloi de Almeida

Profa. Verônica Elói de Almeida, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Marcos Antonio Silva, M. Sc. (UniCarioca)

Profa. Elaine Cristina Ventura Ferreira, D. Sc. (SEDUC/RJ)

Profa. Janine Maria Rocha da Silva, M. Sc. (CME/RJ)

Rio de Janeiro

2022

L732s Lima, Roberta da Silva
A sequência didática com o uso da ferramenta tecnológica “Realidade Virtual Aumentada” junto a perspectiva de uma educaçãodialógica e antirracista / Roberta da Silva Lima. – Rio de Janeiro, 2022.
84 f.

Orientadora: Verônica Elói de Almeida.
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitaisna Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2022.

1. Educação antirracista. 2. Empoderamento. 3. Literatura Infanto Juvenil. 4. Conscientização Racial. I. Almeida, Verônica Elói de., prof.orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida família: mãe, Yara da Silva Lima; pai, (In memoriam); amiga, Ana Carla Lopes; madrinha, Terezinha Nardi; amiga, Katia Regina.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio emocional e por ter me incentivado a realizar este trabalho. Às colegas de trabalho, ao conversarem assuntos importantes que dialogam com o meu tema e me apoiaram com a definição dos meus propósitos relevantes na questão norteadora da pesquisa. Aos que estiveram no meu lado, pela leitura do meu trabalho e participação nas sugestões literárias.

À Andrea Capella, minha prima, por sempre ter sido prestativa e ter me auxiliado no meu trabalho de mestrado. À professora e amiga Elaine, por ter me orientado quanto à redação e referência bibliográfica da dissertação. Aos professores e funcionários do Centro Universitário Unicarioca, particularmente aos colaboradores externos que são amigos de longa data e me ofereceram um auxilio prestado.

“Temos o direito de ser iguaisSempre que as diferenças nos inferiorizem, temos o direito de ser diferentes sempre quea igualdade nos descaracterize”.

Boaventura Santos (2003, p. 53)

RESUMO

Esta dissertação apresenta a problemática da Educação antirracista realizada a partirda prática docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental na cidade do Rio de Janeiro e os motivos pelos quais ainda existe uma grande parcela de jovens e crianças que não conseguem acesso a um Ensino formal, assim como as falhas governamentais na tratativa desse problema. Com o foco na região da zona Sul do Rio de Janeiro, mostra como usar a Literatura Infanto-juvenil ao ser uma ferramenta importante, pois provoca impactos positivos na vida dos alunos, e requer metodologias ativas e a escolhida será um e-book com uma sequência didática em formato de oficina literária. Ao apresentar o histórico da legislação de cunho afro-brasileiro e o processo de elaboração do ensino, a pesquisa propõe questões sobre o surgimento do movimento negro, o empoderamento e a conscientização racial conforme foi a sua evolução até a atualidade. Aborda a questão do protagonismo negro. Como objetivo geral do trabalho, são levantadas a importância de identificar dentre uma das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular a cultural digital de modo a difundi-lá na redução da desigualdade racial. A metodologia adotada na pesquisa utiliza-se de levantamento bibliográfico, pesquisas de campo e a elaboração de uma sequência didática feita a partir de estudos sobre o impacto de lei federal etnicorracial na escola. Os resultados da pesquisa consistem em propor práticas pedagógicas voltadas a produzir conhecimentos didáticos que debatam uma visão global atenta às exigências contemporâneas e atrelada as tecnologias educacionais nos conceitos raciais disseminados dentro das narrativas sociais digitais.

Palavras-Chaves: Educação antirracista; Empoderamento; Literatura Infanto-Juvenil; Conscientização Racial.

ABSTRACT

This dissertation presents the issue of anti-racist education carried out from the teaching practice in the early years of elementary school in the city of Rio de Janeiro and the reasons why there is still a large portion of young people and children who cannot access formal education, as the government failures to deal with this problem. With a focus on the southern zone of Rio de Janeiro, it shows how to use Children's Literature is an important tool, as it causes positive impacts on students' lives, and requires active methodologies and the chosen one will be an e-book with a sequence teaching in the format of a literary workshop. By presenting the history of Afro-Brazilian legislation and the process of preparing education, the research raises questions about the emergence of the black movement, empowerment and racial awareness as it has evolved to date. Adresses the issue of black protagonism. As a general objective of the work, the importance of identifying among one of the general competences of the National Common Curricular Base the digital cultural is raised in order to disseminate it in the reduction of racial inequality. The methodology adopted in the research uses a bibliographic survey, field research and the elaboration of a didactic sequence made from studies on the impact of federal ethno-racial law on the school. The research results consist of proposing pedagogical practices aimed at producing didactic knowledge that discuss a global view attentive to contemporary demands and linked to educational technologies focused on racial concepts disseminated in digital social narratives.

Keywords: Anti-Racist Education; Empowerment, Children And Youth Literature, Racial Awareness.

Lista de Figuras e Gráficos

Figura 1: Quantos negros vivem no Brasil?.....24
Figura 2: Ruptura da inexistência racista no Brasil. Fonte: Palmares, 2006. 27
Figura 3: Professor rumo ao digital. Fonte: Muñoz, 2012.....30
Figura 4: Estátua da primeira bailarina negra do Theatro Municipal no Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo pessoal (2020). 32
Figura 5: Gráfico sobre o jogo de caça-palavras sobre Consciência Negra e Cultura Afro-brasileira. Fonte: SANTOS, LIMA e ARQUINO (2020). 44
Figura 6: Game que denuncia a cultura da escravidão em formato puzzle 2D. Fonte:https://dropsdejogos.uai.com.br/noticias/5-indies-brasileiros-que-valorizam-os-negros-e-sua-historia/ 45
Figura 7: Game disponível na loja virtual Stream sobre a resistência negra com sátira sobre a ambição dos brasileiros. https://dropsdejogos.uai.com.br/noticias/5-indies-brasileiros-que-valorizam-os-negros-e-sua-historia/ 46
Figura 8: Jogo sobre os africanos libertos da etnia que dá título ao jogo. FONTE: YOUTUBE 2018. Sociedade Nagô - O Início. Teaser game sobre revolta dos males - jogoseducativos [Vídeo file].....47
Figura 9: Game Bônus, Detona Babu ! Fonte: 5 indies brasileiros que valorizam os negros e sua história - Drops de Jogos (uai.com.br) 48
Figura 10: Foto da capa do livro O menino que comia lagartos (2011). Fonte: Arquivo pessoal (2017).....50
Figura 11: Foto da capa do livro Lendas Africanas (2008). Fonte: Arquivo pessoal (2017). 52
Figura 12: O emoji simula a professora. Fonte: Arquivo pessoal (2020). 59
Figura 13: Fluxograma do esquema proposto para a Sequência Didática. Fonte: Arantes (2019).....59
Figura 14: Encontro virtual com os alunos para a minha coleta informativa sobre a adequação do novo formato de ensino digital. Fonte: Arquivo pessoal (2020). 67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONGs: Organizações não-governamentais. TIC: Tecnologia de Informação e comunicação.DCNs: Diretrizes Curriculares Nacionais.
CONAPIR: Conferência Nacional de Promoção da Igualdade RacialMPLA: Movimento Popular para a Libertação de Angola.
LI: Literatura Infantil

Sumário

1. INTRODUÇÃO 14
1.1 Inquietação 16
1.2 Caracterização Do Problema 17
1.3 Tecnologia na Educação 18
2. Objetivos 20
2.1 Objetivo Geral 21
2.3 Objetivos Específicos: 21
3. REFERÊNCIAL TEÓRICO 22
3.1 A Implantação Da Lei 10.639/03 E Seus Impactos 24
3.2 Os reflexos das culturas afro-ameríndia nas escolas 29
3.3 A importância das literaturas africanas na apresentação de outras culturas 34
3.4 O que tem sido observado na sala de aula para a aplicação da legislação quereconhece o legado da cultura africana e afro-brasileira 38
3.5 Os Efeitos Positivos e Negativos da Legislação no Espaço Escolar 39
3.6 A Educação Antirracista na Conjuntura do Século XXI 41
3.7 O Racismo, O Antirracismo E A Expansão das Novas Tecnologias Digitais 43
3.8 O Protagonismo Negro na Literatura Infanto-Juvenil 49
4. METODOLOGIA 53
4.1 A Pesquisa Exploratória 56
4.2 A Sequência Didática (SD) e a Sua Elaboração 58
4.3 A Execução Da Sequência Didática Interdisciplinar 60
Avaliação 65
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS 66
5.1 Estudo Sobre O Impacto Da Sequência Didática na Proposta De Ensino Híbrido na Turma de 4° Ano do Ensino Fundamental I no Ano de 2020 Durante o 2° Semestre. 67
5.2 DISCUSSÃO 73
6. CONCLUSÃO 74
REFERÊNCIAS 76

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar a Educação antirracista nos permite pensar na importância de desenvolver metodologias ativas indispensáveis para serem difundidas no universo cotidiano da realidade escolar. As competências gerais elencadas na Base Nacional Comum Curricular (2022), valorizam o repertório cultural e esses incluem práticas diversificadas e voltadas à produção artístico-cultural. Por isso, o docente cada vez mais evidencia uma abordagem de questões que buscam enfatizar a contribuição da herança afro-brasileira nos hábitos e costumes. Desta forma, houve a necessidade de formalizar essa área temática, oriunda de lutas e movimentos de resistência ao longo dos anos. Essa vontade é fruto da sistematização de cursos formais, atitudes inclusivas, práticas de campo, explicação de fenômenos sociais e propostas de aprendizagens inovadoras no contexto do século XXI proferidas sobre os ambientes contemporâneos (CASTELLS, 2012).

De forma geral, as Novas Tecnologias buscam identificar, formular e solucionar problemas na realidade atual (BELLONI, 2005). Sendo assim, o mercado busca cada vez mais profissionais qualificados para atuar de forma eficaz com elevado padrão de qualidade científica, exigindo dos mesmos, um nível avançado para transformar os conhecimentos adquiridos em resultados práticos e úteis (CASTELLS, 2012).

Diante das exigências profissionais, o docente precisa acompanhar as constantes transformações, que muitas vezes acontecem de forma radical, o que estava em alta em um determinado ano, pode estar em declínio na conjuntura de hoje. Com isso, ele não fica restrito ao conhecimento de formação, estando sempre atentas as demandas da cultura digital atrelada ao panorama político educacional de um modo geral.

Portanto, buscou-se reunir dado com o propósito de responder ao problema da pesquisa aos termos em vista a conotação semântica do termo “racismo estrutural”, tal expressão constitui um documento eficaz a ser questionado e o porquê não se

torna tão frequente nas instituições escolares brasileiras. A questão principal é como colocar essa temática mais presente no âmbito contemporâneo a partir das políticas inclusivas direcionadas a ressaltar a mobilidade social dos sujeitos independente de critérios de cor e raça. É visível toda a representação cultural da herança escravocrata brasileira e como se deveria contemplar essa produção de conhecimento permitindo estabelecer um valor acerca da importância do legado racial dos negros.

O objetivo norteador da pesquisa é compreender as dificuldades das lutas históricas empreendidas pelas populações negras se vêem emanadas nos espaços de religiosidade, quilombos, movimentos negros organizados, imprensa, artes e literatura, escolas e universidades, organizações sociais, empresas e diversas esferas estaduais. Isso porque o mercado de trabalho exige um novo modelo de profissional, com a visão holística dos processos digitais. E uma das estratégias para identificar esses desafios é descrever as experiências de professores e debater essas dificuldades dos profissionais diante de um contexto disruptivo e abalado pela crise econômica e sanitária de impactos inenarráveis.

Diante de uma realidade altamente complexa, o professor tem um papel fundamental na vida dos alunos ao enfrentar o silenciamento do racismo de modo a difundir uma nova visão dos fatos, sem se esquivar da função de esclarecer no mundo histórico, social e político. A outra, não menos importante será com a prática das atividades de ensino online e com os diversos desafios que terão de ser solucionados, mas também exige a quebra dos estereótipos perpetuados.

Para tanto, ao se concluir essa pesquisa, muitas são os desafios que existirão pela frente, visto que as escolas ao se acharem livres de discriminações acabam não repensando os espaços pedagógicos. Nesse interim, a proposta desta dissertação é levantar as experiências vividas e as dificuldades encontradas na implementação de uma Educação Antirracista, ao apresentar reflexões curriculares a partir de um planeamento didático que auxilie a difundir uma identidade multirracial real da sociedade brasileira cuja raiz é africana.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais. A pesquisa bibliográfica baseou-se em livros na área de Educação, Cultura Digital, Antropologia e Sociologia. O estudo de caso foi

desenvolvido através de relato de experiência, envolvendo a realidade profissional da docente de escola pública.

Este estudo tem em sua estrutura quatro capítulos, sendo no primeiro os aspectos introdutórios representados a ideia racial e estigmatizadora da parcela afro-brasileira, apontando as necessidades de práticas inclusivas e aprendizagens inovadoras com ações afirmativas a serem rediscutidas. No segundo capítulo são abordados os reflexos da lei 10.639/03, o seu processo de implementação e as observações da legislação na sala de aula, o legado cultural africano e afro-brasileiro,a educação antirracista, o empoderamento da mulher negra e o protagonismo negro no ramo literário. Este capítulo também apresenta o desconhecimento da contribuição civilizatória dos negros no Brasil e sobre a bagagem de conhecimentos que precisamos obter desse povo tão rico em tradições culturais. No terceiro capítulo relata sobre a sequência didática (SD) com práticas pedagógicas,trilhas de aprendizagem e avaliação com oficinas realizadas com o uso das tecnologias. No capítulo quatro é apresentada a análise do estudo de caso e os diversos itens que compõem a caracterização da área de pesquisa a partir das experiências didáticas com apresentação dos dados, onde foram aplicados os assuntos temáticos para o Ensino Fundamental I na modalidade remota, virtual e a distância com os alunos da escola pública.

1.1 Inquietação

Existe uma necessidade de introduzir a lei que incentiva a cultura africana e afro-brasileira, porém isso não vem sendo devidamente difundido no ambiente escolar. Acho que a inclusão racial poderia ser auxiliada pela tecnologia**.** Logo, a principal questão e como introduzir práticas pedagógicas mais eficientes de modo a promover uma visão democrática no currículo cotidiano da escola. A literatura Infantil poderia lançar protagonismos negros ao invés dos rechaços e o jogos digitais também.

Desse modo, as metodologias ativas e o ensino híbrido precisam nortear as políticas públicas educacionais. Essas anseiam por ferramentais digitais voltadas a ressaltar a contribuição do negro na sociedade brasileira e a formação heterogênea da brasilidade. Visto que, a tecnologia, sem dúvida, poderá facilitar

uma nova construção de valores e percepções desde que ocorra atuação das instâncias na gestão educacional. Essa muitas vezes omissa na implementação de um ensino interdisciplinar e propício as peculiaridades locais.

1.2 Caracterização Do Problema

Tendo em vista a conotação semântica do termo “racismo estrutural”, tal expressão constitui um documento eficaz a ser questionado e o porquê se torna tão frequente nas instituições escolares brasileiras. A questão do presente pré-projeto de pesquisa é pensar como o colocar no âmbito contemporâneo a partir das políticas inclusivas direcionadas a ressaltar a mobilidade social dos sujeitos independente de critérios de cor e raça. É visível todo a representação cultural da herança escravocrata brasileira e como se deveria contemplar essa produção de conhecimento permitindo estabelecer um valor acerca da importância da nossa etnicidade.

Contudo, é notável a influência africana no português do Brasil, que em alguns casos chegou também à Europa, veio do iorubá, falado pelos negros vindos da Nigéria e notada principalmente no vocabulário relacionado à culinária e à religião e também do quimbundo angolano, em palavras como caçula, cafuné, moleque, maxixe e samba, entre centenas de outros vocábulos. Outro aspecto é a contribuição do negro para a cultura brasileira indo além da povoação e da prosperidade econômica atravésdo seu trabalho.

Vindos de diversas partes da África, os escravos negros trouxeram suas matrizes culturais e transformaram não apenas a sua religião, mas todas as suas raízes em uma cultura de resistência social. Existem desafios a serem tratados nessa temática acerca do descaso da cultura material histórica. Devemos concordar e afirmar que é comum nos grupos dominantes usarem o seu poder para promover seu próprio patrimônio, minimizando ou mesmo negando a importância dos grupos subordinados, ao forjar uma identidade nacional à sua própria imagem. Sabendo o grau de separação entre os setores superiores e inferiores da sociedade não é, em geral, tão marcado quanto no Brasil. Um país de injustiças e necessitado de práticasantirracistas por intermédio da inclusão digital.

1.3 Tecnologia na Educação

Segundo Monteiro (2020), por meio dessas mudanças, o papel do professor se transformou e o 'ensinar' adquiriu um novo contexto, esse modelo acontece na Internet e é viabilizado pelas ferramentas fornecidas pela Internet. Já para Freire (2002), o ensino precisa gerar a capacidade de ler, apreender e transformar situações marcadas pela exploração, negligência, discriminação, entre tantos outros problemassociais existentes em nosso meio.

De Acordo com Siemens (2014), as tecnologias de informação e comunicação transformaram a forma como vivemos, comunicamos e aprendemos no século XXI. Em uma nova sociedade conhecida como Era da Informação, onde as pessoas passam 24 horas compartilhando conteúdo e interagindo umas com as outras, os programas de aprendizagem acontecem fora do ambiente escolar, pois o conhecimento agora é acessível a partir de múltiplas perspectivas, inclusive por meio de conexões em redes globais.

Segundo Moraes e Castellar (2018), a aprendizagem ativa está alinhada com a prática reflexiva, portanto, ao abordar essas abordagens ativas (jogo, gamificação) e diversão, afirmamos o destaque dos alunos na aquisição do conhecimento. Assim, conforme Zaluski e Oliveira (2018) afirmam a elaboração da educação com jogos é um caminho viável para despertar o interesse do aluno em aprender. Além disso, auxilia a perceber a importância do que aprende no cotidiano tornando o ensino significativo e transformador.

As práticas racistas e discriminatórias que se espalham no cotidiano do Brasil representam mais do que um legado do passado. “O racismo foi recriado e retroalimentado ao longo de nossa história. É impraticável separar a desigualdade observada hoje dos quase quatro séculos de escravidão herdados pelos contemporâneos” (BRASIL, 2001).

É também nesse sentido que o diálogo real, em que o sujeito do diálogo aprende e cresce na diferença, e sobretudo a respeita, é uma forma de exigir coerentemente que esses seres inacabados, assumindo-se como tal, se tornem uma ética radical. Assim, “qualquer discriminação é imoral e por mais que você perceba o poder das condições que você está enfrentando, é uma responsabilidade se opor a ela” (FREIRE,1999, p. 67).

Existe uma necessidade de retratar a incorporação de novas tecnologias nesse cenário do processo educativo já estabelecido em que o papel do educador enfrentaa esses novos desafios. Eventualmente, as ferramentas tecnológicas tornam-se um suporte de uma comunicação educativa mais articulada tendo em vista, a necessidade de uma variação nos canais de produção e circulação de novos conhecimentos. Logo, o aparato tecnológico, sempre presente ao longo da história, nunca antes havia desafiado tanto os diversos campos disciplinares. Assim como, condicionado tão profundamente o cotidiano das sociedades, os grupos e os indivíduos, nos mais variados âmbitos (GOMEZ, 2002). Como descrito na BNCC (BRASIL, 2018, p. 19):

> Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora

Nesse sentido Musso (2015), uma rede social é um ambiente digital organizado por meio de interfaces cuja finalidade é agregar perfis de usuários com as mesmas características, afinidades, gostos, conceitos, crenças, opiniões semelhantes, formas de interagir entre si. interesses em tópicos comuns.

Como destaca (TIKTOK, 2020), a utilização estratégica do *TikTok* na aprendizagem permite que os alunos experimentem de perto a transdisciplinaridade, ou seja, a apresentação do conhecimento de uma forma plural e criativa. “Somos atraídos por conteúdo criativo, alegre, saudável e divertido - e fomos inspirados a ver nossa comunidade receber uma variedade de ideias e conteúdos enriquecedores” (TIKTOK, 2020).

Em Monteiro (2020) diz que enquanto muitos professores ainda tentam resistir ao uso da tecnologia, outros estão se tornando verdadeiros empreendedores da educação, alavancando novas plataformas curriculares, blogs para socializar materiais de apoio ao aprendizado, hospedando fóruns e discussões no Facebook, Instagram, Twitter e outras redes sociais digitais, além de democratizar a informação postando vídeos em redes sociais como YouTube e TikTok.

De acordo com Pozo (2014), muito tem se discutido sobre a integração educacional das tecnologias digitais, e há uma investigação de longo prazo sobre como essas ferramentas podem ser utilizadas em processos de aprendizagem significativa e reconhecendo novas possibilidades para os professores atuarem de forma em tempo hábil com informações em rede, Compartilhamento e

interatividade.Segundo Santos (2010), o uso de brinquedos, brincadeiras e brincadeiras como ferramentas de construção da aprendizagem estimula a reflexão a partir dos objetos e comportamentos facilitados por cada momento da experiência, estimulando a imaginação, a sensibilidade, a emoção e, principalmente, o ambiente em que se vive.

No entanto Chaves (2016), entende a necessidade de fornecer o máximo de recursos e estímulos possíveis, tanto dentro como fora da sala de aula, em ambientes escolares e não escolares, inclusive em novas abordagens e propostas de ensino. Luckesi (2009, p. 81) reconhece “um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem”.

Desse Modo, a linha de pensamento acima faz a função de “diagnosticar” viria a ser uma ferramenta dialética, ou seja, um processo sucessivo que provoca ação, reflexão e interpretação dos acontecimentos ocorridos ao longo do processo da aprendizagem, sendo, portanto, para o docente uma oportunidade de (re)definição de sua postura à frente do processo de aprendizagem, validando e/ou revendo o seu fazer pedagógico. Conforme Tozoni-Reis (2006, p. 104), a Pedagogia Libertadora é explicada como:

> a forma de trabalho educativo é o grupo de discussão, que conduz o processo educativo buscando os conteúdos problematizadores, realizando as discussões, compartilhando as descobertas, definindo as atividades e os temas geradores como ponto de partida para a decodificação das sílabas e, principalmente, a decodificação do mundo social, histórico, político e cultural onde vivem os oprimidos nas sociedades desiguais.

2. Objetivos

Os temas transversais têm grande importância nas Diretrizes Curriculares Nacionais e norteiam o planejamento curricular das escolas. Os sistemas de ensino precisam receber transformações pedagógicas no que concerne aos princípios éticos, políticos e estéticos, exigindo dos seus profissionais conhecimentos acadêmicos e práticos, a serem integrados, para obter os resultados desejados.

O professor pode atuar em diversas áreas que o compete, com isso ao se formar se depara com uma realidade complexa e desigual aonde o avanço do

ensino nas práticas sociais requer competências. No contexto atual, foi necessário lidar com as tecnologias digitais e se reinventar de modo a desenvolver um novo estilo de ensino até então pouco disseminado e que possibilitou trabalhar com metodologias ativas.

Prever os desafios e dificuldades inerentes à Educação Antirracista, bem como apresentar as experiências determinantes, será de suma importância para a categoria profissional, uma vez que eliminará dúvidas provindas de sua didática com a prática educativa interdisciplinar e de suma importância transversal, pois adere maior sentido para o aluno conforme constrói visões de mundo ao valorizar as peculiaridades nacionais e locais.

O que impulsionou a realização deste trabalho foi levantar os percalços e inquietações de qual seria a melhor maneira de propiciar mudanças na mentalidade preconceituosa ao gerar uma reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais mantendo o grupo deles sem avaliações e análises opressivas, apresentando propostas do que seria necessário no âmbito escolar e pedagógico para impedir a desigualdade racial e debater a necessidade da mulher negra não ser mais alijada socialmente ao se deparar com um mercado de trabalho excludente e violador dos direitos trabalhistas.

2.1 Objetivo Geral

Identificar a importância da identidade cultural dos povos africanos conforme uma das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (2022) de modo a observar a cultura digital como habilidade na aprendizagem essencial na redução da desigualdade racial.

2.3 Objetivos Específicos:

Analisar o papel da legislação 10.639/ 03 nos currículos escolares e os seus impactos no ambiente de dimensão educativa escolar; uma listagem de ferramentas digitais comprometidas com a transversalização das relações étnico-raciais enquanto metodologias ativas;

Construir uma sequência didática voltada a identificar a composição histórica e racial do povo brasileiro no passado e as permanências existentes no presente, comênfase na africanidade e na discussão da temática antirracista;

3.REFERÊNCIAL TEÓRICO

A escolha do tema foi ao encontro da obra "A revolução brasileira" (1966), que traça uma análise de necessidade de ocorrer uma mobilização social na difusão de uma raça mais coesa e integrada, como podemos ver em Prado (1966, p. 20):

> a diversidade da realidade brasileira, assim como os aspectos culturais, de modo geral, não são considerados pela esquerda brasileira.
> Esse desconhecimento cria obstáculos para a unificação das forças, na medida em que o discurso da vanguarda revolucionária não sensibiliza outros grupos subalternos, e que, com isso, não criam uma base social hegemônica

Considerei interessante utilizar as fontes bibliográficas para evocar a questão da educação voltada aos interesses que envolvem a sociedade como um todo e adoto o viés da dialética de transformar a realidade a partir da materialidade produzida nas relações étnico-raciais resgatando a riqueza trazida nas formas de viver e no elo com os bens culturais construídos coletivamente vistos nos estilos comportamentais da cultura brasileira multirracial.

Ocorre uma necessidade de estabelecer um diálogo com a preservação da memória africana que revive na imagem revigorada do quilombo. Esse continua sendo um modelo de luta e valorização dos grupos sociais vitimados pela exclusão. São capazes de conseguir expressar a sociedade complexa e multifacetada circundante principalmente na cidade do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX herdando sua herança africana. Essa pode ser vista na indumentária e nos hábitos alimentares presentes atualmente.

O racismo na sua forma mais profunda (epistemológica) esboça suas intenções debruçadas em arcabouços eurocêntricos e esquiva-se de seu próprio peso por meio do mito da democracia racial que permanece arraigado em nossa mentalidade até hoje. Não só os negros, mas também os espaços freqüentados e ocupados por estes, assim como suas manifestações culturais e religiosas tornaram-se marginalizadas e vítimas de desrespeito, preconceitos e ações violentas.

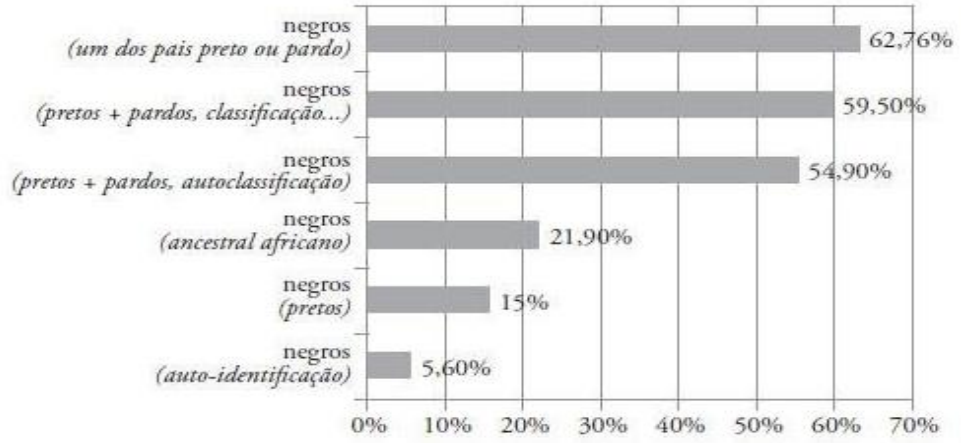
Um exemplo disso é no ano de 2015 quando uma criança de onze anos de idade non Rio de Janeiro foi vítima de intolerância religiosa quando voltava de um culto de Candomblé na Avenida Meriti, na Vila da Penha, Zona Norte carioca. Foram dois homens que fizeram vários insultos e atiraram pedras contra o grupo de religiosos. O caso foi registrado como lesão corporal (SANTOS, 2018). Mais um caso dentre muitos sobre a desqualificação das práticas culturais de origem africana e a importância da escola no combate às práticas discriminatórias, como é apresentado em Munanga (2002, p. 16):

> É, somente, a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados. São essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã, etc.

Cito essa reflexão para debater o papel da cultura racial como patrimônio cultural que incorpora uma função essencial nessas novas formas de ressignificar o documento como parte integrante dos povos africanos. Haja vista que a imagem identitária do negro deveria deixar de ser enfraquecida e estilhaçada ao entrar em oposição à cultura eurocêntrica hegemônica e impositiva, que se valeu da educação para passar e perpetuar uma imagem dos padrões éticos e estéticos.

Sem dúvida, existe um reconhecimento social do mestiço no Brasil. Isso se deve ao fato de a pessoa negra concordar em negar a sua ancestralidade africana, posto que socialmente é carregada de derivações negativas. O modelo de classificação racial brasileiro ameniza a linha tênue entre preto e branco. O mito da democracia racial gera uma homogeneização devido à presença da miscigenação (MATTOS, 2006). O gráfico mostra o crescimento de negros que vivem no Brasil.

Figura 1: Quantos negros vivem no Brasil?



Fonte: Perla (2010)

Podemos pensar na comparação entre o genocídio e o epistemicídio, e o quanto existe a propagação da ideologia do racismo, que disciplina e controla a racialidade como definido por Boaventura Sousa Santos (1995, p. 328) ,

> o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão européia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais).

3.1 A Implantação Da Lei 10.639/03 E Seus Impactos

Resolver problemas é uma atividade que resume a importância da educação em terras brasileiras, sendo fundamental a sua reparação de aspectos históricos. Na obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira ocorre problemas na sua aplicação e um dos seus principais objetivos, dentre vários, é fornecer ferramentas básicas para que se faça frente aos problemas com os quais são encontrados a encorajar e adotar uma postura crítica e consciente com a sociedade (BORGES, 2010).

Durante todo o decorrer do ano letivo, efetivar a lei deveria ser uma atividade de toda a escola e não só dos professores qualificados para detectar, levantar e oferecer soluções para os problemas pedagógicos. A todo momento, em suas atividades profissionais, o professor está à volta com informações que, adequadamente reunidas, ordenadas e trabalhadas, podem ser convertidas em resultados eficazes desde que se incentive uma pedagogia de autoestima com o orgulho recuperado de ser negro.

A Interdisciplinaridade tem uma área de atuação muito ampla, é importante que o profissional esteja sempre buscando conhecimento para que assim, possa reconhecer os problemas e apresentar a melhor alternativa de melhoria, fazendo com que isso não impacte negativamente na sua atuação. Assim, o professor tem o papel de não apenas resolver problemas, mas também de ter essa sensibilidade na visão do contexto geral exigido além das demandas contemporâneas.

De acordo com o “O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana” (BRASIL, 2004), as dificuldades inerentes à implementação de uma lei no âmbito da Federação brasileira também alcançaram a Lei Nº 10.639/03. Parece haver uma grande luta pela frente, principalmente no contexto pandêmico atual.

O processo de implementação da Lei 11.64/09, corresponde a ações estruturantes que pretendem ser orquestradas por esse Plano, pois todos os atores envolvidos necessitam de articulação para se desenvolverem de forma equânime. Para que isto aconteça, esta temática precisa estar incluída no Projeto Político Pedagógico da Escola e esta ação depende de uma série de outras, como, por exemplo, o domínio conceitual do que está expresso nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação para as Relações Étnico-raciais.

A regulamentação da lei 10.639/03 pelo respectivo Conselho de Educação, as ações de pesquisa, a formação de e de profissionais da educação e equipes pedagógicas, a aquisição e produção de material didático pelas Secretarias de Educação, necessita ter a participação social da gestão escolar. As diretrizes também comprovam a necessidade de políticas específicas que revertam o modelo excludente que o Brasil teve ao longo da história, impedindo que muitos brasileiros tivessem acesso à escola e nela permanecessem.(BRASIL, 2012)

O Decreto n° 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas

públicas do país não fossem admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. Duas décadas depois, houve O Decreto n° 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, ao estabelecer que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias impediram o acesso pleno da população negra aos bancos escolares (BRASIL, 2012)

De acordo com Munanga (2005, p.13)., “a violência racial escolar atenta contra o presente, deforma o passado e corrói o futuro.” Este autor defende que apesar da lógica da razão ser importante nos processos formativos e informativos, ela não modifica por si o imaginário e as representações coletivas negativas que se tem do negro e do índio na nossa sociedade. Na contextualização desse pensador, as situações ocorridas nas unidades de ensino não mudam, porém, a mediação do professor pode permitir ações reflexivas e críticas da realidade a ponto de transformá-la positivamente não só com apontamentos da memória nacional, local e ancestral, mas fundamentalmente de enfrentar às problemáticas das práticas sociais.

O negro e o índio foram vítimas de tentativas de comprovação de teorias com uma falsa base científica, que não resistiram ao tempo. Mas as marcas do racismo e as consequências permaneceram, já que estes preconceitos sobrevivem passando por gerações. A discriminação e a questão racista foram criando raízes noimaginário popular (SANTOS, 2018).

Sendo Assim, as populações colonizadas são comumente representadas com uma imagem refletida por intermédio de ferramentas ao apresentar dominação real conforme códigos implícitos. As mensagens de cunho racial apresentam uma relação imagética com o sujeito branco assumindo a condição de supremacia que subjuga a condição do negro (NASCIMENTO, 2003).

Figura 2: Ruptura da inexistência racista no Brasil



Fonte: Palmares, 2006.

A necessidade de se ampliar o diálogo sobre a implementação da Educação para as Relações Étnico-raciais foi dada também pela edição da Lei 11.645/2008, que modificou o mesmo dispositivo da Lei de Direrizes e Bases da Educação Nacional alterado pela Lei 10.639/2003, estendendo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados.

As informações colocadas anteriormente demonstram que existe uma tendência de refutar as práticas racistas explícitas E torná-las invisíveis aos mecanismos discriminatórias. Logo, facilitar um democracia racial determinam a importância de propiciar um reconhecimento ancestral incutido na brasilidade. Resume que todo esse contexto está ligado a figura do mulato “não se pode acusar de rígido, nem de falta de mobilidade vertical o regime brasileiro, em vários sentidos sociais um dos mais democráticos, flexíveis e plásticos” (FREIRE,1992, p. 56).

Para dar uma ênfase especial a questão racial, o governo Federal aprovou entre 2003 e 2010, Leis, Projetos e Programas para o reconhecimento da história e cultura negra no ambiente escolar. As disposições nacionais sobre educação afrodescendente foram durante o período de sete anos (BORGES, 2010).

No ano de 2003, a pioneira foi a Lei 10.639/03 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira”. De certo modo, foi um reconhecimento de força da mestiçagem racial brasileira (MATTOS, 2006).

Já no ano seguinte em 2004, houve um Parecer do CNE/CP 003, de 10 de março de 2004 que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana junto com a Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 quase três meses depois ao instituir Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2012).

Nesse mesmo ano houve a criação do Projeto a Cor da Cultura (2004) com grande incentivo à produção audiovisual de documentos voltados à temática afrodescendentes como a corporeidade, musicalidade. o comunitarismo, a memória, a oralidade, circularidade e a energia vital proclamada no “Axé” realizado no âmbito nacional. As grades curriculares foram incentivadas com esse Projeto cujo propósito seria conduzir o contéudo programático dos ensinos fundamental e médio.

Em 2005, a Instituição Cadara foi criada como uma Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-brasileiros (Cadara) com o objetivo principal de acompanhar, analisar e avaliar as políticas educacionais voltadas para a implementação da Lei 10.639/03.

No ano de 2006, o UNIAFRO apoiou as Instituições Públicas de Educação Superior no desenvolvimento de programas e projetos de ensino, pesquisa e extensão que contribuam para a implementação e para o impacto de políticas de ações afirmativas para a população negra, dirigindo recursos para atividades específicas dos programas e projetos. Com a Resolução nº 08 do MEC, a criação da Assistência Técnica e Financiamento de Projetos voltados para a implementação da Lei 10.639/03 (BRASÍLIA, 2014).

Dois anos depois**,** a Lei 11.645/2008 alterou a Lei 9.394/1996 e modifica a Lei 10.639/03, incluindo no currículo oficial da rede de ensino obrigatória a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” com o Plano Nacional para Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana ao

colaborar para que as instituições de ensino e instituições educacionais cumpram as determinações legais de forma a promover a igualdade e eliminar o preconceito, a discriminação e o racismo (BRASIL, 2012).

Nesse mesmo contexto, o Programa Educar para a Igualdade (2002) visou reconhecer práticas pedagógicas bem-sucedidas no lidar com o tratamento da temática racial cuja perspectiva e garantir uma educação de qualidade para todos de modo a valorizar a diversidade étnico-racial e combater o racismo. O Programa possui doze anos de existência e nas cinco regiões do país constam trabalhos desenvolvidos em cada um dos vinte e seis estados da federação. O amadurecimento desse Projeto possibilitou visibilidade da educação escolar quilombola (BRASÍLIA, 2014).

No ano de 2010, houve a aprovação do Projeto de Lei 3.891/08 que cria a Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB) voltada para a Cultura Afro-brasileira e a educação em áreas remanescentes de Quilombos. Seu objetivo é ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento e incentivar a extensão universitária. Contribuir para realizar a integração do Brasil com os demais países membros da Língua Portuguesa, em especial os países africanos. Dessa forma, a UNILAB realiza o apoio técnico e financeiro aos estados e municípios para ações específicas de formação de professores para áreas rurais quilombolas, a ampliação e melhoria da rede escolar e a produção e aquisição de material didático para alunos e alunas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010).

3.2 Os reflexos das culturas afro-ameríndia nas escolas

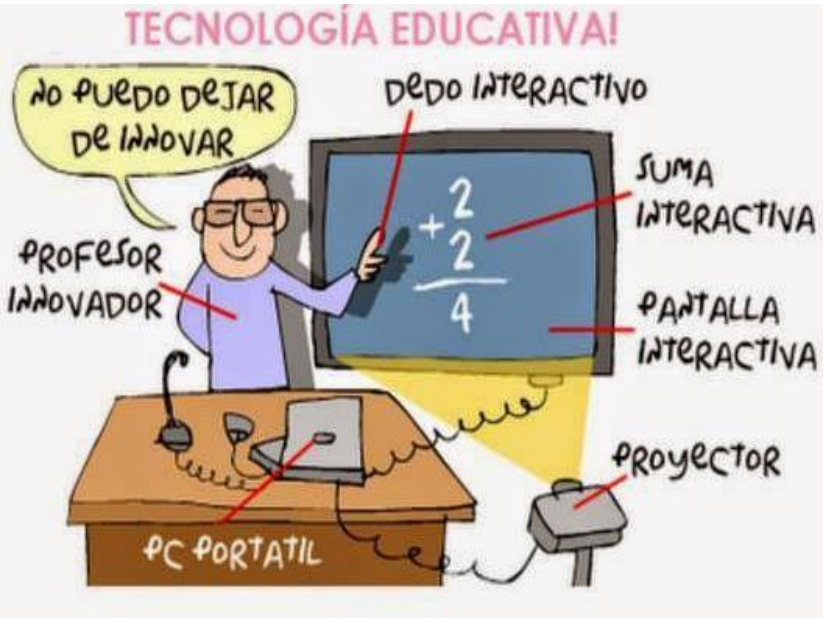
Com a implementação da Lei nº 10.639/03, os caminhos poderão ser dados aos processos de ensino e de aprendizagens das Africanidades Brasileiras, logo o processo de aquisição de formação de atitudes respeitosas de reconhecimento da participação e contribuição dos afro-brasileiros na sociedade brasileira, requer que preconceitos e discriminações contra os negros sejam abolidos.

Tal questão se enquadra no que consta no parágrafo 1º do Art 26-A da Lei nº 11.645, de 08 de março de 2008, que diz:

> O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, regatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Sendo imprescindível, abordar o ensino e a aprendizagem Africana a partir de uma pedagogia antirracista que tem como exigências propor um diálogo, em que seres humanos por serem múltiplos e distintos miram-se na troca de saberes, sem sentimentos de superioridade ou de inferioridade. Com o uso social das tecnologias, temos que lidar com a inacessibilidade das camadas mais populares que não estão suscetíveis à inclusão digital embora os estudantes usem a tecnologia fora do ambiente escolar para o professor se torna primordial para atrair mais atenção do aluno.

Figura 3: Professor rumo ao digital.



Fonte: Muñoz, 2012.

Além disso, as reconstruções do discurso e das práticas pedagógicas, no sentido de permitir a participação do processo de resistência dos grupos e classes postos à margem, podem contribuir para a afirmação da sua identidade e cidadania. O estudo da recriação das diferentes raízes da cultura brasileira, que nos encontros e desencontros de umas com as outras se refizeram e, hoje, não são mais gêges, nagôs, bantus, portuguesas, japonesas, italianas, alemãs; mas brasileiras de origem

africana, européia, asiática (SOUZA,1986).

Durante a década de 70, Pierre Verger[1], pesquisou essas origens e se destacou com a coleta de seu trabalho etnográfico entre o Brasil e a África ao resgatar o legado dessas etnias, ele sendo francês fez um verdadeiro elo existente entre os dois mundos. Fotógrafo e bem relacionado com a academia francesa, Verger (começa a exaltar a cultura africana, os candomblés e coloca-a no mundo de maneira a tirá-la dele marginalmente e do esquecimento, com um belíssimo trabalho de imagens, fotografias e diários de viagem.

Com isso, influenciou a estética da dança afro-brasileira de aspectos cariocas. De acordo com Melgaço (2007, p. 39-40) coloca:

> Eu inventei, ouvindo o ritmo dos Orixás e os movimentos do Candomblé, que mal frequentava mas passei a pesquisar", afirma Mercedes ao Jornal do Brasil (22/05/94). Nesse mesmo jornal podemos ler "A dança afro é carioca", e a explicação do pesquisador de cultura afro-brasileira José Marmo: "A Bahia e até outros estados têm grupo de afro, mas nada que pareça com o estilo criado no Rio pela bailarina Mercedes Baptista".

Abaixo, Mercedes Baptista ganhou estátua na Praça Mauá. Foi ícone e codificou o ritmo Afro no Brasil.

[1] Nasceu em 1902 e faleceu 1996.Tornou-se um dos principais antropólogos e historiadores da cultura brasileira, sobretudo a popular, e da ancestralidade africana presente no sangue do brasileiro.Documentou a religião dos "voduns "em São Luís no Maranhão e o "Xangô" em Pernambuco.

Figura 4: Estátua da primeira bailarina negra do Theatro Municipal no Rio de Janeiro.



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Portanto,a educação escolar deve estar plenamente comprometida com contextos informais a partir de um projeto coletivo de mudança social, independentemente da diversidade cultural dos diversos povos que compõem a sociedade, levando em consideração que as diferenças culturais e étnicas são fundamentais para a constituição e organização do Estado como sociedade (BORGES, 2010).

Então, para que esse compromisso se efetive, é fundamental que, trabalhando com a realidade, o diálogo permanente, com situação de aprendizagem contextualizada e usando procedimentos adequados, o aluno se descubra como membro atuante da sociedade, na qual deve ser capaz de interferir e provocar mudanças que possam conduzir a um clima de cidadania e democracia. Sabemos que a sociedade brasileira é preconceituosa e discriminadora em relação à sua população, e que em decorrência disso, o modelo de educação não tem sido inclusivo, ainda que permita a entrada de todos na escola, nem todos saem devidamente escolarizados e aptos para enfrentar a vida como verdadeiros cidadãos.

As instituições escolares precisam desenvolver programas que reconheçame

respeitem as diferenças e promovam oportunidades iguais para todos para oferecer uma escola de qualidade. Ao longo da história do Brasil, os negros, assim como os índios, foram os mais discriminados. Esse problema deve ser abordado nas escolas e incluído objetivamente no currículo para que os alunos possam identificar casos, enfrentá-los e buscar soluções que tornem todos cidadãos iguais, apesar das diferenças e peculiaridades que possam existir (CANDAU, 2013).

O combate ao racismo, preconceito e discriminação no âmbito escolar deve assumir suas mais diversas formas de valorização das pessoas, povos e nações, quando constatamos que as pessoas são iguais e têm o mesmo acesso aos bens e serviços que a sociedade oferece e usufrui, criando outros, e exercer seus direitos e deveres em benefício de todos (CANDAU, 2013).

É importante ajuda nas tradições para a implementação da Lei Nº 10.639/03, quandosabemos bem que “Ninguém nasce desta ou daquela raça. Só depois nos tornamos pretos, brancos ou de qualquer outra raça” (COUTO, 1999, p. 19). Tal visão advém de uma convenção social construída que altera as relações diante da imprevisibilidade das transformações tecnológicas utilizadas na segmentação cultural.

Segundo Santos (2005), a herança afro-brasileira e ameríndia define essa diversidade ao ser comunitária (não-oligárquica) e não se basear na partilha debens e na preponderância do bem-estar comunitário e, depois, do bem-estar pessoal. E entende a noção de pessoa como o resultado do embate entre as pulsões subjetivase as intimações comunitárias.

O matrilinear (não paterno) baseia-se na forma mais vital da sensibilidade, na qual as figuras da grande mãe (corpo materno), da santa (Sophia) e do amante (anima) são equivalentes simbólicos, cujas características essenciais são: mediação, reconexão, compartilhamento, cuidado, narrativa e reciprocidade (pertencimento); seus atributos fundamentais são o exercício da razão sensível da cultura africana (ALMEIDA, 2016).

É interessante observar o compartilhamento coletivo (não-individualismo) no patrimônio agropastoril da importância da aldeia (comunidade) e defesas dos índios afro-americanos contra os aspectos naturalistas comunais: a relação com a natureza paisagística onde se vive e a estrutura de existência fraterna. Naturalistas emocionais (não-contratualistas) enquadram o emocionalismo das relações humanas como uma espécie de cola social, segundo Barros (1985).

Nesse sentido, as relações sociais surgem da necessidade pragmática de

sobrevivência e dos afetos que surgem das relações parentais e das amizades forjadas em defesa da liberdade, herança e fraternidade conforme a cosmovisão afroameríndia (OUANE, 2020). Logo, devemos tal herança a África apesar de desonrada permanece, sobre esse tema citamos Oliveira (2003, p. 60):

> apesar das diferenças entre os elementos (masculino e feminino), vê- se claramente que são complementares e fundamentais para o bom funcionamento do organismo social, pois sem os quais não haveria o bem-estar da comunidade. As funções de homens e mulheres são complementares e benéficas à sociedade como um todo. (…) O poder é um exercício calcado na tradição para garantir o bem -estar da sociedade, (…) portanto é um instrumento da tradição dos ancestrais para perpetuar no aiyê a ordem do sagrado e a moralidade dos ancestrais.

De acordo com Santos (2005, p. 206), somente a partir da década de 1940 é que o “povo” vai à escola. No âmbito dela e das práticas escolares formais, o que se vê são os valores branco-ocidentais como “valores universais” a serem incorporados, assimilados, cumpridos e não questionados. Como incorporar em uma sociedade ainda, “machista”, “eurocêntrica” e“ racista”, que está presente no imaginário social, esta outra cosmovisão afro-ameríndia que dialoga intensamente com nossa ancestralidade sendo apenas possível em uma sociedade democrática, justa e equitativa?

Sem dúvida, o povo brasileiro tem uma dívida com os povos africanos e deveria futuramente e quem sabe no atual presente reconhecer a influência não só étnica como também os padrões e estilos culturais enraizados na miscigenação. Os livros paradidáticos cada vez mais precisam trabalhar a consciência negra não só na Literatura, porém, ir além nos cyberespaços das mídias sociais e digitais. Visto que, as gerações atuais precisam recriar novas visões de mundo.

3.3 A importância das literaturas africanas na apresentação de outras culturas

Em muitas partes da África, a Arte é inseparável da vida por sua associação com o sagrado. Os mitos da criação contam que foi um criador que colocou alma nas pessoas, o que se revela pela palavra. Desta forma, a palavra negro-africana tem um sentido abrangente ao fazer história, sendo elemento constitutivo da identidade

profunda da comunidade, enquanto arte. As cortesias africanas são longas e ritualísticas. Todos os presentes são venerados são reconhecidos e aplicados na nossa civilização (SOUZA,1986).

O autor Muniz Sodré (2005, p. 89), prefaciando Contos Crioulos da Bahia, de Mestre Didi, afirma: “os mitos, as lendas, os contos populares, sempre foram vias de acesso ao inconsciente de um povo”. A literatura atua em nossas vidas para unir os mitos fundamentais da comunidade, de seu imaginário ou de sua ideologia. Para tal, citamos Sodré (2005, p. 89):

> Não há nenhuma “verdade profunda” nesse relato, nenhum significado “recalcado” que possa ser trazido à luz por quaisquer sutilezas de interpretação. Ele se limita a contar a visão de um grupo específico sobre a causa de suas vicissitudes históricas. Na imediatez do texto, na aparência da narração, essa historiada conta de dois elementos cruciais: (a) as relações de poder do europeu com africano; (b) o descuido das obrigações, origem do infortúnio negro. Na realidade, ao falar da supremacia (pela força, pela ideologia) de um campo de poder “branco” – fato por demais conhecido na História do Brasil, o conto reitera a persistência de uma cultura negra – fato insuficientemente avaliado na História do Brasil mediante o apelo a uma de suas regras fundamentais, a obrigação.

Na literatura brasileira, no entanto, o negro é a palavra excluída, ocultada com frequência, ou uma representação inventada pelo outro, sendo muitas vezes o elemento marginal e vítima de diáspora conforme a citação abaixo de Prandi (2007, p. 08):

> Fechou os olhos tentando dormir. Não conseguia. O balanço do navio negreiro a enjoava, o corpo doía, o corte no pé latejava. Adetutu não tinha forças para nada, a não ser chorar. Onde estariam seus pequenos Taió e Caiandê? Talvez nunca mais os visse, nunca mais os abraçasse nem lhes desse o leite que agora escorria dos seios inchados e doloridos. Adetutu sentiu nos lábios ressequidos o sal de suas lágrimas; soluçava. No escuro do porão apertado e fétido do navio negreiro, que se arrastava pelo oceano na noite sem estrelas, a mulher deitada ao lado fez um esforço para vencer o peso das correntes que uniam e apertou o braço de Adetutu num gesto de conforto. E de dor compartilhada pelo destino comum dos que haviam sido caçados para ser escravos em terras estrangeiras. Adormeceu e sonhou com seu mundo e sua gente, dos quais fora arrancada para sempre. Sonhou com os dias em que, no templo, cuidava de seu deus Xangô talvez a tivesse abandonado se desvaneceu no sonho. Teve a impressão de ouvir, através das paredes do navio, palavras de encorajamento vindas de Xangô no soar de um trovão.

Representantes do povo afro-brasileiro serão encontrados na obra de compositores populares que criaram uma obra literária de espírito, identidade, poesia,

provando que a reflexão sobre a realidade não é apenas privilégio de estudiosos ilustres, mas também de pessoas capazes patentes, transformando a natureza a partir da prática adquirida com seu trabalho. Essa capacidade de criar e falar sobre nações, povos, costumes, crenças, cotidiano, é invenção da arte negra, que flui como magia ritual, mudando o que é impossível através de formas tecnológicas (MUNANGA, 2005). Nesse sentido, “as ideias contidas nesta arte reformularam a prática, levando a um pensar erefletir sobre o cotidiano, fazendo com que os compositores sejam os verdadeiros pensadores e criadores da sociedade autenticamente brasileira e pluricultural.” (MEC, 2005, p.84).

De acordo com Santos (2001, p. 106), a escola deve promover um ambiente de debatepara as questões raciais:

> tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua autoestima. Faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica como único conhecimento científico válido.

Só através de uma releitura dos elementos que compõem o povo afrodescendente no Brasil nesse ambiente é que poderemos tentar um meio, um aprofundamento pedagógico, que nos encaminhe para uma pedagogia genuinamente brasileira, capaz de resgatar para todos os brasileiros uma cultura nossa, considerada até agora marginal, mas que responde pela identidade cultural do país, estando presente em todos os setores da sociedade. Repensar o Brasil é mergulhar em suas raízes e buscar os valores e fundamentos de uma cultura milenar, que aparentemente se preocupa com a realização e felicidade das pessoas sem se vincular aos estigmas enraizados (BASTIDE,1973).

Conforme este raciocínio, é importante destacar a fala do autor moçambicano Mia Couto (2011, p. 103):

> Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que não lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o mundo, lemos a vida. Tudo pode ser página. [...] Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros.

O escritor retratado acima aborda de maneira o sutil o quanto somos submersos em nossas próprias filosofias de vida. Assim, protegemos o “nosso grupo”

e excluímos quem não pertence a ele. Os agentes de exclusão moral distanciam psicologicamente os excluídos. No entanto, trabalhos de caráter pedagógico e científico, são necessários nessa área. Estudos acadêmicos e levantamentos estatísticos refletem o tratamento desigual dos negros. E serão abordados aqui para comprovar as práticas discriminatórias de cunho racial.

Desse modo, a lei 10.639 aparece com o propósito de prosseguir com estudos mais genéricos sobre a influência do continente africano no povo brasileiro, já que foram anos de escravidão e milhares de africanos ancoraram aqui oriundos de diferentes países. Temos inúmeras influências africanas na nossa cultura, seja na culinária ou até mesmo nos estilos musicais que auxiliam na “sociedade de estereótipos” brasileira desconstruir padrões pré-estabelecidos.

Cito o músico brasileiro Arthur Vinih e os Malungos (2015) na sua música “Eu sou negão” (2015) ao realizar um levantamento de uma série de afinidades nos versos da composição musicada, que aponta uma reflexão crítica nas letras da canção no contexto brasileiro. Tal criação artística do século XXI ecoa uma voz da resistência. Há um sentimento de indignação com a violação dos direitos raciais que afetam o grupo étnico na discriminação provocada por preconceito. Quando canta “Nego do cabelo bão!” utiliza recurso linguístico do sufixo nominal para dar a ideia de sentido aumentativo. (VINIH, 2015)

As resistências não deveriam se recusar a perceber o quanto é evidente o tratamento desigual a qual eles são acometidos na nossa sociedade. Ter políticas de Ação Afirmativa no Brasil coíbe a exclusão e corrige desigualdades socioeconômicas refletidas historicamente. A concessão de vantagens competitivas aos que vivenciam uma condição de inferioridade seria uma forma de reparar o rechaço arrastado por longos séculos (BELLONI, 2005).

No que concerne ao sucesso permanência e acesso ao sistema educacional, lidamos com paradoxos tanto no aspecto de admitir o problema ou negá-lo, coloca a questão da racialidade no plano teórico e urgência em medida política. As políticas públicas educacionais iniciadas nos anos 90 reconhecem o racismo. Logo, a necessidade de integrar a comunidade negra como assunto nos Ministérios. A atuação positiva contempla eliminar a discriminação no emprego, trabalho e comunicação. Cabe destacar, as políticas de ação afirmativa nos Estados Unidos, com os movimentos dos direitos civis e o “Black Power” servindo de inspiração para a militância negra brasileira.

3.4 O que tem sido observado na sala de aula para a aplicação da legislação quereconhece o legado da cultura africana e afro-brasileira

O cumprimento da Lei Federal nº 10.639/03 (2003), que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africanas, bem como das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (2004), pode provocar mudanças nas práticas pedagógicas de professores e fazer com que os educandos tomem maior consciência de que o Brasil é um país multirracial e pluriétnico e que, nesta diversidade, os negros têm papéis da maior relevância para a nossa sociedade brasileira. Porém, a lei deveria ser um importante instrumento intelectual de transformação, já que possui uma grande dimensão política.

Ao pensar a escola como um espaço de humanização, em que se aprendem valores, costumes e crenças, pode perceber a sua suma importância na formação do indivíduo enquanto se está construindo atitudes e posturas sociais. Diante disso, ocorre um silêncio acerca da questão racial. Infelizmente, as vítimas dessa problemática são justamente aqueles manipulados no caldeirão colonial. (GOMES, 2010).

Esses são os africanos, os asiáticos e os povos nativos das Américas, assim como aqueles que foram deslocados pelo colonialismo, como é o caso dos asiáticos e os caribenhos na Grã-Bretanha ou os árabes na França. Aqui no Brasil, o que se verifica é que os livros didáticos representam o negro de forma pejorativa, demonstrando o preconceito em relação a eles na sociedade.

Para se adequar à lei, caberia às escolas encontrar um modo de redesenharas aulas para encaixar os conteúdos exigidos (SILVA, 2011). Um exemplo de que issoé possível seria redefinir critérios subjetivos implantados nas categorias raciais. Os resultados iriam além do simples aprendizado da matéria. Deve-se mostrar que a mistura do povo brasileiro foi feita por vários povos através dos tempos, conseguindo comparar diversas culturas, valorizá-las, promover o respeito a elas e derrubar

preconceitos além de não restringir os nossos ancestrais no bojo Brasil-África. Sobre este tema citamos Lima (2009, p. 158):

> É muito maior e mais profunda que a (longa) história do tráfico atlântico de escravos. A história de nossos ancestrais não se inicia nem se encerra na escravidão. Ela remonta os primeiros passos da humanidade, à criação das primeiras formas gregárias da vida dos humanos e sua interação com a natureza. Migrações, descobertas, conhecimentos técnicos estiveram presentes nas histórias mais remotas dos grupos humanos que viveram no continente africano.

Dessa forma, a educação étnico-racial busca difundir, produzir e trabalhar nas escolas e comunidades para abordar conhecimentos, atitudes, atitudes e valores racialmente diversos, preparando os alunos para respeitar e aceitar as diferenças. Dentro desses princípios, algumas reflexões parecem necessárias ao tentar compreender a trajetória das políticas públicas brasileiras, promovendo a equidade social, superando desequilíbrios e salvaguardando os direitos fundamentais dos cidadãos. O Brasil, a julgar pela sua história colonial, adquiriu uma identidade, mas uma identidade diversa estabelecida por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos (ORTIZ, 2003).

3.5 Os Efeitos Positivos e Negativos da Legislação no Espaço Escolar

Ser um bom educador não é apenas saber usar o que se aprende nos cursos universitários, usar tecnologia e ferramentas, empregar métodos de ensino, aprendizagem e avaliação, mas também ter uma compreensão profunda dos procedimentos de ensino relevantes para a profissão. Todos eles desempenharam um papel na formação de uma mentalidade e na abordagem de problemas particulares que são tão complexos na sociedade brasileira (RAMOS, 1957b, p. 194). Para superar completamente essa situação, especialmente para o analista que enfrenta o problema, será praticado um procedimento fenomenológico de "comportamento de suspensão branca" para mostrar a instabilidade desse conceito de "branco" e enfatizar a "Estética Negra da Alienação" em Sociedades híbridas e europeizadas (RAMOS, 1957b, p. 194).

Em vista disso, podemos afirmar que os conhecimentos adquiridos na

graduação dizem mais a respeito à formação teórica do que prática, afinal a função primordial da escola é formativa e não informativa ou de treinamento. Além da bagagem de conhecimentos específicos, obtidos na graduação, várias qualidades devem conhecer o educador conforme as ações de um modelo tecnológico tradicional com a difusão das inovações, persuasivo, comunicacional e mobilizador das massas (CASTELLS, 2012).

Conforme o Relatório Final da I Conferência Nacional de Promoção da Igualda de Racial, o terreiro também se torna um espaço de ação política com as características mencionadas acima. Sobre isso citamos a legislação brasileira (BRASIL, 2005, p. 106):

> Para o fortalecimento das religiões de matriz africana, foi levantada a necessidade de ações que proporcionem a estruturação, politização e maior organização e afirmação, tais como a ampliação da sustentabilidade das comunidades, o seu reconhecimento como um centro irradiador de promoção de políticas públicas, a sua participação nos projetos sociais,a criação de uma rede de apoio, a promoção de intercâmbios entre as comunidades de terreiro e o incentivo ás oficinas, seminários, cursos de formação nos terreiros

Um profissional eficaz é antes de tudo aquele que sabe usar sua memória, seu conhecimento, sua capacidade de pesquisa e raciocínio. Trace e analise o caso do estado negro. Relacionado a tudo isso, há elementos-chave que podem ser debatidos em sala de aula e relacionados à compreensão do funcionamento da lei, das políticas de ação afirmativa (CICLOS, 2019).

A lei Afonso Arinos (1951) celebra o dia nacional de combate a discriminação racial e inclui contravenções penais a práticas de ações que denotam preconceito de raça por causa da cor de pele. Sem dúvida, este foi um marco no código brasileiro e um passo na luta da população negra em reparar medidas jurídicas de implementação dejustiça até então sem grandes resultados.

Outra lei tão importante quanto foi a Lei Caó (1989) sancionada pelo ex-presidente José Sarney considerou crimes preconceitos raciais. Um deles é recusar acesso ao ensino público, estabelecimento comercial, negar emprego em empresa privada ou impedir acesso de pessoa com comprovação a assumir cargos na Administração Pública direta ou indireta.

Políticas de ações afirmativas (a partir dos anos 2000) pretendiam corrigir desigualdade socioeconômicas oriundas da discriminação histórica ou atual, sofrida por algum tempo. Os membros de certos grupos em situação de inferioridade são

beneficiados com vantagens competitivas a fim de que futuramente, um dia, essa situação se revertam. Um tratamento temporariamente diferenciado gera uma certa esperança entre os grupos sociais.

Por outro lado, os professores têm encontrado muitas barreiras pela falta de conhecimento em lidar com ferramentas pedagógicas e tecnológicas nas relações educacionais na área escolar, já que está bagagem não vem da sala de aula, e não tem sido tão levada a sério por muitos, pois relegam a segundo plano a importância dos fatores acima citados. Devendo também ser um fator a ser reconhecido pelas instituições que no qual aplicam na grade curricular de Licenciaturas, poucas disciplinas da área de ciências humanas e sociológicas.

3.6 A Educação Antirracista na Conjuntura do Século XXI

O racismo hoje aborda a etnia, a diferença cultural e a identidade. A tomada de consciência pelas culturas de resistências constrói identidades culturais e processos e jamais produtos acabados. Propostas transformadoras da realidade do negro no Brasil buscam ligar uma identidade política. Essa se opõe à mestiçagem reafirmada pela democracia racial. No entanto, temos muito ainda que avançar em tal quesito.

Nesse sentido, reconhecer os cultos de origem africana é essencial para não discriminar os negros. A discriminação pode ser entendida como "ação de exclusão, restrição ou preferência que impede o tratamento ou acesso igualitário a direitos e oportunidades em função da cor" (THEODORO, JACCOUD, 2005, p. 111-112).

Para Sant'ana (2005, p. 63), a discriminação são atos (ações ou omissões) queviolem os direitos das pessoas com base em critérios irracionais e injustos (como raça,sexo, idade, escolha religiosa etc.). A discriminação é como a própria tradução, externalização, manifestação, objetificação do racismo, do preconceito e dos estereótipos.

Um estereótipo, por sua vez, é uma ideia que se aproxima do preconceito. Na verdade, é o uso do preconceito, exteriorizado em palavras e/ou imagens, que encapsula um ponto de vista carente de espírito crítico. Segundo Santana, os estereótipos são manifestações comportamentais de preconceito destinadas a "(1)

justificar a suposta inferioridade; (2) justificar a manutenção do status quo; legitimar, aceitar e justificar: Dependência, Subordinação e Desigualdade" (SANT'ANA, 2005, p. 65).

A revelação desses estigmas perpassa pelos contos africanos e norteiam a nossa ancestralidade que precisa ser olhada com muito cuidado para serem reveladas corretamente. As sabedorias da antiguidade podem ser vistas nos diferentes tipos de contos africanos ao abordarem a ritualização e cultura do agregar tão presente no Brasil por intermédios desses povos (PASSERINI,1998)

No entanto, a escola deveria reconhecer todo esse legado e não naturalizar as desigualdades. As características de sociedades desiguais e discriminatórias são aceitas como consequência natural e inevitável das diferenças individuais de capacidade e esforço. Enfatiza o individualismo, promove a autonomia individual, respeita a liberdade de cada indivíduo e alcança a maior possibilidade possível através da competição com os outros, comprovando resultados desiguais, acesso e divisão do trabalho. E a hierarquia das relações sociais [...]. Esse processo mina gradualmente as possibilidades dos grupos social e economicamente mais desfavorecidos, especialmente em um ambiente que estimula a competitividade e mina a solidariedade desde os primeiros momentos de aprendizagem escolar [...]. Assim, “as escolas legitimam a ordem existente e tornam-se uma válvula de escape para as contradições e desordens sociais.” (PEREZ-GOMEZ, 1998, p. 16)

Atualmente, entrar para o mercado de trabalho é um dos principais objetivos do profissional de um modo geral. Visto que, se exige dele um desenvolvimento cognitivo na relação com o uso da Tecnologias de Informação e Comunicação, logo como assinala Castells (2007, p. 108), um dos aspectos centrais da transformação tecnológica atual é a penetrabilidade dos efeitos das (TIC), pois “todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados pelo novo meio tecnológico”.

Sendo assim, para que o profissional ingresse no mercado, é preciso fazer o diferencial, na busca contínua de conhecimentos, habilidades múltiplas com engajamento nas realidades, mas principalmente ter uma visão holística dessa realidade, levando em consideração a ciência, a tecnologia e a sociedade como um todo.

3.7 O Racismo, O Antirracismo E A Expansão das Novas Tecnologias Digitais

Acompanhar a expansão das redes digitais não é algo tão simples de ser aceito, visto que as novas tecnologias, além de exigirem competências específicas, conforme constatado em diferentes análises e estudos sobre os usos da internet, ainda não estão acessíveis a todos, e a questão da difusão parcial dos recursos tecnológicos produz desigualdades (MAIGRET, 2010).

Os impactos tecnológicos precisam ser analisados em todos os grupos sociais. A política de estado considerando a realidade atual da transformação digital chegando a todo vapor com o avanço da inteligência artificial e a probabilidade de existir uma única civilização do mundo com ditaduras digitais em regime de vigilância orwelliano (1984). Lamentavelmente, tal pensamento permite pensar que a força política da maioria dos humanos poderá ser substituída.

Isso nos remete ao racismo estrutural-algoritmico, sob viés racializado nas tecnologias digitais inovadoras. A navegação na web sofre influência dos algoritmos de busca. Os problemas da nossa sociedade estão nítidos nos ambientes digitais e não são neutros. Por isso, a importância de plataformas online que retratam a consciência negra com a difusão de práticas comunicativas inovadoras nesse universo contemporâneo.

Abaixo, temos o *worwall,* uma plataforma online usada para criação de jogos digitais que auxiliam na aprendizagem. Está presente no atual ensino híbrido e foi amplamente utilizado pelos educadores. As possibilidades de elaboração de conteúdos digitais são vastos. A tecnologia social é uma ferramenta indispensável nas práticas docentes.

Nesse sentido, conforme Maigret (2010, p. 418), “é ver como se recriam espaços sociais com as tecnologias que supostamente aboliram as distâncias físicas, e não pensar uma abolição do social pela técnica”. Tal reflexão permite pensar na conversão tecnológica nas práticas sociais de modo a incorporá-la em contextos culturais, familiares e econômicos.

Figura 5: Gráfico sobre o jogo de caça-palavras sobre Consciência Negra e Cultura Afro-brasileira.



Fonte: SANTOS, LIMA e ARQUINO (2020).

Sobre este assunto estamos de acordo com Fanon (2008) quando afirma que as marcas do racismo são observadas de maneira evidente quanro o negre existe em contraposição ao nada do branco. Desta maneira, para o autor, o racismo, enquanto sistema, coloca como a ideia do ser humano universal e aqueles que estariam fora desse parâmetro seriam desviantes, justamente por estarem à margem dessa idealização.

Torna-se evidente a inferiorização e violência contra o negro que compactua com o reforço de estereótipos racistas. O debate em prol da temática pessoal é algo pessoal e difícil de ser realizado, pois a sociedade precisa subsidiar matérias e produzir conhecimentos com reflexões em torno da imagem da negritude. Isso seria só o início de muitos outros saberes a serem pensados e condutores de discursos imagéticos. Desta forma, é preciso estar atento a cultura das mídias.

A aplicação pedagógica atreladas às representações do corpo africano têm sido reiteradas pelos séculos por meio dos aparelhos escolares em outros processos educativos, que são reforçados e repercutidos em vários cantos mundiais ao denotar uma forma de redenção dos pecados, sendo a pele escura, herdada. O paganismo define o estilo religioso dessa categoria étnica e reforçaram a escravização[2], como uma espécie de saída e rumo ao ambiente civilizatório das pessoas brancas.

[2] Reflexões sobre a condição especialmente difícil das escravas negras podem ser encontradas em vários livros, artigos e antologias escritos e editados por Herbert Aptheker, incluindo American Negro

Figura 6: Game que denuncia a cultura da escravidão em formato puzzle 2D.

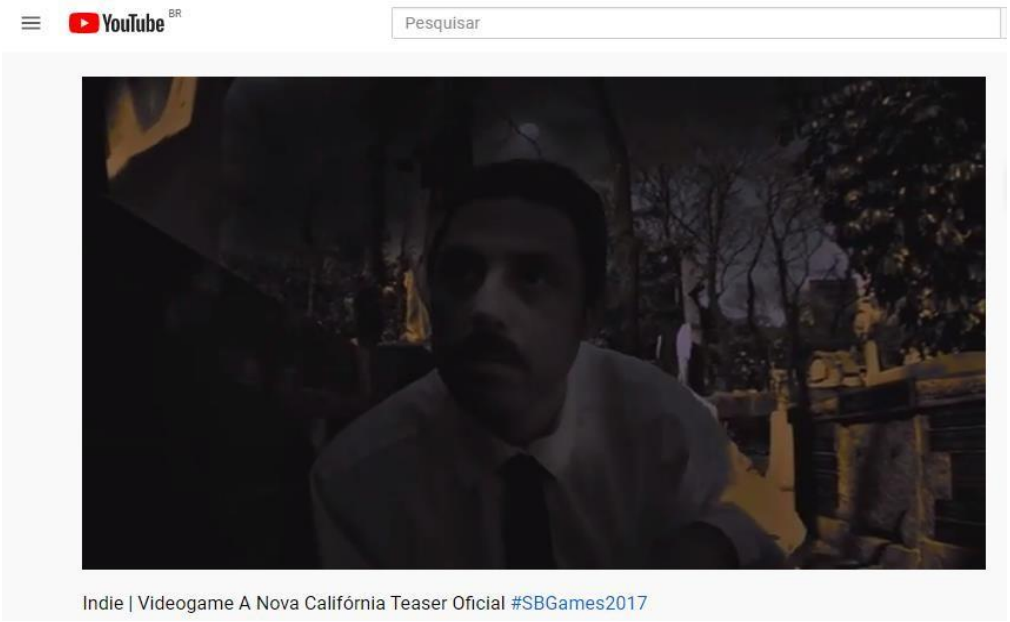


Fonte: https://dropsdejogos.uai.com.br/noticias/5-indies-brasileiros-que-valorizam-os-negros-e-sua-historia/

As análises feitas nos bancos digitais colocam a imagem da homem negro como escravo, empregado doméstico e servo. Essas significações são em grande medida imutáveis e não vem mudando ao longo do tempo. A estrutura das narrativas midiáticas mantém a negro aprisionado em imagens desumanizantes que abordam a colonização como forma de controle social e do imaginário, para que não fique para trás o sucesso do homem branco projetado com a fórmula do status predominante e bem caracterizado no lado emocional. Um conto homônimo de um autor negro Lima Barreto (1956) faz uma crítica aos conflitos éticos e morais nessas atitudes desmoralizantes colocadas pelas populações locais e suas impressões. Um jogo com situações hilárias e bizarras na cidade de Tubiacanga, a Nova Califórnia do título[3].

[3] Slave Revolts (1948) (Nova York, International Publishers, 1970); To Be Free: Studies in American Negro History (1948) (Nova York, International Publishers, 1969); A Documentary History of the Negro People in the United States (1951), v. 1 (Nova York, The Citadel Press, 1969). Em fevereiro de 1948, Aptheker publicou o artigo intitulado “The Negro Woman”, Masses and Mainstream, v. 2, n. 2.

Figura 7: Game disponível na loja virtual Stream sobre a resistência negra com sátira sobre a ambição dos brasileiros.



Fonte: https://dropsdejogos.uai.com.br/noticias/5-indies-brasileiros-que-valorizam-os-negros-e-sua-historia/

Portanto, o racismo midiático nega as notícias de casos que violam as vítimas flagrantes. É preciso estar atento aos casos ocorridos como George Floyd (2020) e questionar a segregação racial nos espaços públicos estadunidenses e em outros espaços. Apesar da década de 60 marcar o movimento pelos direitos civis com o pastor Martin Luther King deve-se atentar a esse contexto, em que a estratégia pacifista fez um exemplo de grande líder contra o preconceito racial. Logo, combater isso se exige uma longa luta.

Um recurso tecnológico voltado a esclarecer a questão escravista que explica o racismo, foi do projeto estúdio Strike Games criado junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, que apresenta um formato híbrido disponível em Android e Ios, sobre a temática da Revolta dos Malês na Bahia, em 1835, pelo levante de escravos muçulmanos com missões a serem cumpridas na aventura digital e tarefas complementares, a compreensão da narrativa precisa ser realizada em formato presencial. Abaixo, o título do jogo que se chama Sociedade Nagô.

Figura 8: Jogo sobre os africanos libertos da etnia que dá título ao jogo.



FONTE: YOUTUBE 2018. Sociedade Nagô - O Início. Teaser game sobre revolta dos males - jogos educativos [Vídeo file].

Nesse contexto, a partir das reflexões desse game, se fortalecem as iniciativas do Brasil que estão sintonizadas com a Lei nº 10.639/03 (complementada pela Lei n° 11.645, de 2008), que torna obrigatório nas instituições de ensino fundamental e médio dando possibilidades de professores e alunos trabalharem conteúdos e fatos históricos, logo (BRASIL, 2000):

> o estudo de História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

O ensino no lúdico, por sua vez, segundo Santos (2010), perpassa pelo uso o uso do brinquedo, da brincadeira e do jogo. Esses como ferramentas da construção do aprendizado, que possibilitam fomentar a reflexão a partir do objeto e das ações promovidas de cada momento vivenciado. Além disso, auxiliam no estimulo da imaginação, da sensibilidade, do afeto e, principalmente, da aprendizagem do meio que se insere.

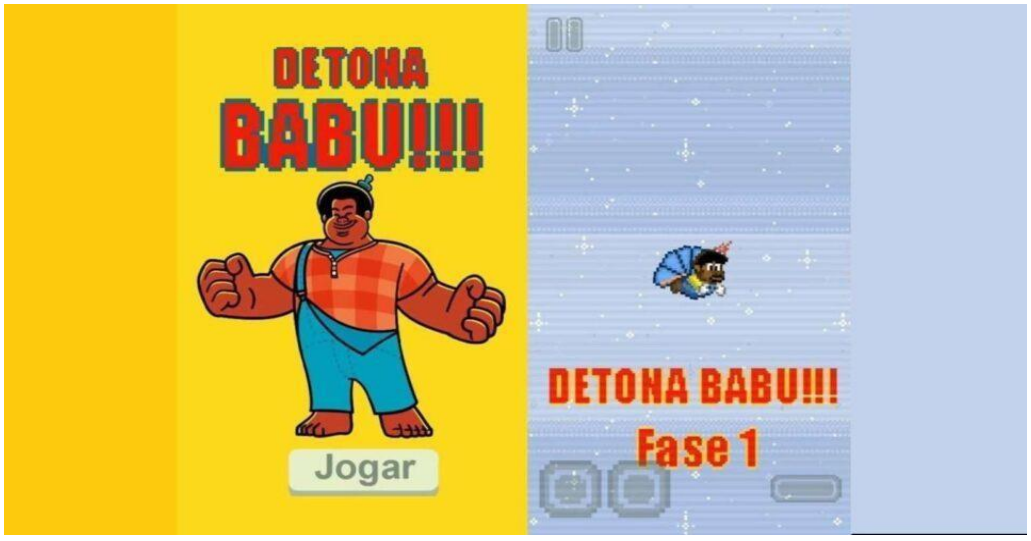
Nesse sentido mesmo com o uso desses jogos educativos, a escola ainda continua em um ambiente constantemente racializado. Existe uma diferença entre a

representação de pessoas brancas e negras nos livros didáticos e isso ocorre, pois, a mesma não é neutra. O resultado é a reprodução das relações entre grupos dominantes e dominados da sociedade (AZEVEDO e GIORDANI, 2019). Sobre este tema podemos citar Santos (2016, p. 11):

> É desse modo que o sistema educacional pode reforçar o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do embranquecimento. Através do livro didático e do currículo, a escola tem reproduzido a visão distorcida e cristalizada sobre papéis sociais e estereótipos acerca da população negra e do continente africano. Trata-se de uma violência simbólica imposta por meio de relações de poder em que um grupo dominante, branco, apresenta-se como exemplo a ser seguido e reconhecido como positivo

Portanto, a força motriz nesta luta é a crença de que é possível construir um modelo civilizado de humanidade, fraternidade e solidariedade, baseado nos valores expressos nas lutas do antirracismo, feministas e ecológicas que têm empreendido no continente, pertencentes ao mesmo grupo, comunidade de destino. É possível construir uma sociedade multirracial e multicultural onde as diferenças sejam vistas como equivalência em vez de complexo de inferioridade (QUEIROZ, 2017). O jogo seguinte faz uma crítica a necessidade em reconhecer o protagonismo negro na sociedade brasileira.

Figura 9: Game Bônus, Detona Babu !



Fonte: 5 indies brasileiros que valorizam os negros e sua história - Drops de Jogos (uai.com.br)

Nesse jogo, Babu era retratado semelhante ao anti-herói de animação Detona Ralph. O game está disponivel no site Construct e o personagem é mostrado sem valor como acontece com o cidadão negro. Entender que a cidadania comunicativa

precisa almejar direitos humanos depende muito do tempo, pois atualmente vem sofrendo constantes mudanças, e a desvalorização no mercado de trabalho e cultural da comunidade negra precisa vencer a indiferença.

Estar preparada sempre para os constantes desafios que a era atual lança, é um grande dilema da negritude que percebe a negligência atribuída ao papel racial na cultura nacional. Portanto, cabe aos professores oferecer orientação didático-pedagógica para que seus alunos possam fazer bom uso desses recursos (SILVA; PINTO, 2009).

3.8 O Protagonismo Negro na Literatura Infanto-Juvenil

Ler Histórias é fundamental para o universo infantil. A leitura possibilita ampliar olhares, despertar o imaginário, criar soluções e até mesmo resolver desafios fora o fato de expandir as experiências infantis com condução de novas ideias e formação de ensinamentos. No *cyberespaço* se encontra um grande acervo a ser trabalhado pelos docentes principalmente no contexto de distanciamento social e acirramento das desigualdades.

Construir uma identidade étnica positiva é uma luta que vem sendo traçada nos livros digitais e ferramentas pedagógicas por intermédio das metodologias ativas. A busca por um outra educação feminista, inclusiva e antirracista nos fez querer investigar elementos que dialogam com as narrativas negras. As biografias possibilitam trabalhar a diversidade voltadas a abordagem étnico-racial transversalizada.

Os livros mais relevantes com personagens negros que encontrei serão abordados aqui. A escolha dessa abordagem são voltados a desconstruir representações preconceituosas ou estigmatizadas e voltadas a destacar cidadania ativa dessa etnia com afirmação identitária reunidas em ações relacionadas ás práticas antirracistas. Vivemos em uma cultura híbrida incorporada a afrodescedência do povo brasileiro na sua mais genuína ancestralidade.

As histórias infanto-juvenis com personagens negros e negras marginalizados acarretam sérios danos no imaginário social. Muitos são estampados nas capas dos livros e acabam dando uma impressão que tal condição racial não merece ser mais privilegiado ou obter uma maior posição de destaque. Essas crenças limitam a meu ver o avanço da inclusão étnica nos bancos escolares sem construções pejorativas ou estigmatizadas. Abaixo, cito um:

Figura 10: Foto da capa do livro O menino que comia lagartos (2011).



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Nesse livro, observa-se o menino Tikorô e a representatividade negra como vitíma da exclusão da realidade injusta, em que o preconceito de cor é nítido e acaba gerando uma espécie de naturalização sem precedentes do negro como oprimido. Conforme explica Fernandes (1972, p. 73):

> Os brancos não vitimizam consciente e deliberadamente os negros e os mulatos. Os efeitos normais e indiretos das funções do preconceito e da discriminação de cor é que o fazem, sem tensões raciais e sem inquietação social. Restringindo as oportunidades econômicas, educacionais, sociais e políticas do negro e do mulato, mantendo-os "fora do sistema" ou à margem e na periferia da ordem social competitiva, o preconceito e a discriminação de cor impedem a existência e o surgimento de uma democracia racial no Brasil.

Segundo Nascimento (1983), a hegemonia branca brasileira é facilitada pela ferramenta da democracia racial, que tem por proposta mascarar um processo genocida advindo da realidade brasileira.

Para Nascimento (1983, p. 28), há:

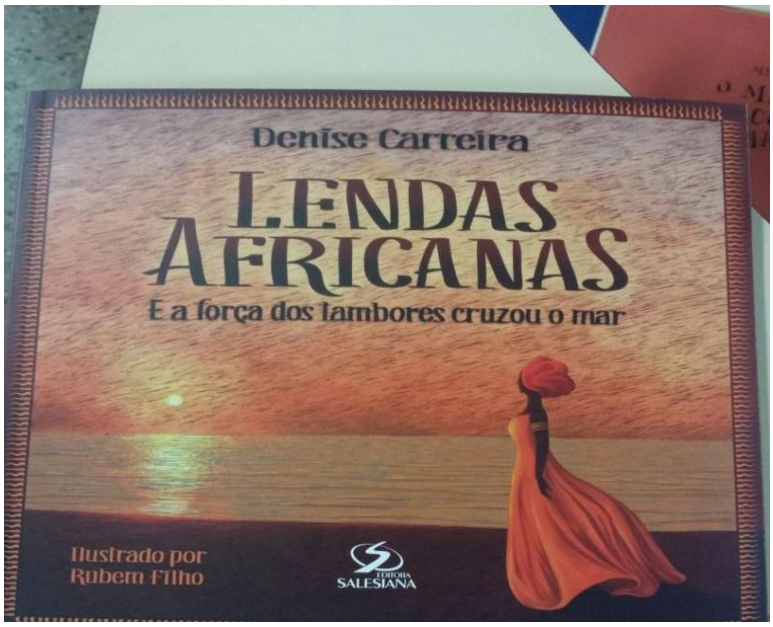
> uma fachada despeitadora que oculta e disfarça a realidade de um racismo tão violento e destrutivo quanto aquele dos Estados Unidos ou daÁfrica do Sul [...]. Não se resolvem problemas utilizando-se o método do avestruz: o método de ignorar a realidade concreta metendo a cabeça naareia.

Desse modo, é desafiador trabalhar temas transversais e com relevância social. Tal ilustração estereotipada permite analisar o quanto os movimentos de resistência africana, as mitologias e as religiosidades precisam ser mais valorizadas não só pelo corpo docente como também pelos estudantes. Segundo Amaral (2008) a formação dos quilombos traduz essas mudanças que foram uma representação das maiores formas de resistência e luta dos africanos e afro-brasileiros ao sistema escravocrata durante o Brasil colônia e império. Com isso, podemos destacar o ativismo dos povos negros escravizados e suas estratégias de luta. Eles cada vez mais foram conduzidos as suas subjetividades na busca de valorização. Sobre isso citamos Santos (2018, p. 68):

> A resistência dos(as) africanos(as) e consequentemente a formação dos quilombos se dá desde a sua chegada em território brasileiro, em meados do século XVI, para substituição do trabalho indígena. Vindo de diversas áreas do continente africano na condição de escravizados(as), foram sequestrados(as) para ocupar as jornadas mais pesadas de trabalhos, em grandes plantações, pastos, garimpos e afazeres domésticos nas novas terras “descobertas”

Já as lendas africanas são válidas para ampliar os tipos de narrativas presentes na literatura ao consolidar a ideia de pertencimento a uma cultura variada com a ampliação dos problemas do país para as próximas gerações.

Figura 11: Foto da capa do livro Lendas Africanas (2008)



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Este é um livro com lendas, para trabalhar a musicalidade africana. Desvelara realidade amplia a compreensão desse legado como diz Paulo Freire (1979, p. 17), “a conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização”.

Os livros de LI (2017) com personagens negros devem trazer para dentro das escolas elementos das culturas africanas e afro-brasileiras, assim como, através de suas histórias e imagens com significados para todas as crianças. No entanto, ainda não existe um quantitativo suficiente de livros com protagonistas africanos disponíveis no acervo das escolas públicas). Haja vista, nas etapas da educação básica (infantil, fundamental e médio), crianças e jovens negros correspondem a mais de 50% dos alunos matriculados considerando a rede municipal de ensino do Rio de Janeiro (BRASIL, 2012).

Alguma mudança precisa ser visualizada, caso contrário estaremos longe no combate às hierarquias étnico-racial e cultural, como afirma Pereira (2011) ao afirmar que dentro desse contexto ainda há muito trabalho a ser realizado, para que ocorra uma reeducação das relações etnicoraciais em nosso país. Para que isso ocorra, segundo o autor, é importante que as identidades, tanto individuais quanto

coletivas, sejam vistas como construções culturais. Desta maneira, estas possam ser entendidas como históricas e relacionais. Neste sentido, o conhecimento os variados grupos pupalcionais é fundamental para alcançar esse objetivo.

Desse modo, a literatura infantil deveria ter a função principal de educar e não criar estigmas norteadores no imaginário social que regulam as condutas. Vejo o reflexo do controle nos discursos raciais. Conforme assinala Góis (1984, p. 24):

> É fundamental que os livros infantis transmitam às crianças um sentimento de respeito e dignidade pela pessoa humana de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e, especialmente, nos nossos dias, despertem os jovens para valores sociais: justiça, paz, liberdade, igualdade e solidariedade. Não transmitir, nem dar para as crianças livros que contenham preconceitos, racismos de qualquer espécie (linguagem ultrapassada, conceitos falsos que confundam o loiro de olhos azuis com bem e bondade).

É preciso recomeçar um outro espaço, com um conjunto diferente de suposições para indagar a identificação humana na formação de um discurso eticamente responsável sobre raça na nossa sociedade. As certezas pregadas na Ciência, Antropologia, genética e biologia nos obrigam a enxergar só o que está diante dos olhos.

4. METODOLOGIA

O local escolhido para desenvolvimento desta pesquisa foi uma Escola Municipal situada no Bairro de Copacabana, que é uma instituição de ensino da Educação Básica, pública, do Sistema Municipal de Ensino e mantida pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. A mesma foi quem iniciou suas atividades em 1962, procurando preparar gerações a continuarem os estudos no segundo segmento, vem apresentando grandes propostas de melhoria na última década. Além disso, o nome da Escola é uma homenagem à Professora Edna Poncioni Ferreira, que exerceu suas atividades em escolas municipais, necessita de investimentos constantes em montagem de laboratório e aquisição de equipamentos didáticos, que poderiam proporcionar melhores condições para o trabalho docente e ótima qualificação de seus educadores e da equipe técnico-administrativa.

A Unidade escolar oferece uma ampla diversidade de alunos da Educação

Infantil e do Ensino Fundamental I. Algumas salas são climatizadas, e a biblioteca com acervo bibliográfico diversificado está se aprimorando com a chegada de obras literárias, anseia por investimentos constantes na ampliação e melhoria das instalações físicas. Os alunos têm um certo conforto e bem estar apesar de na situação pandêmica não conseguir verbas necessárias para os protocolos sanitários. Assim, a realização deste estudo teve como sujeito de pesquisa os alunos matriculados no ano de 2020 referentes ao segundo e quarto ano do Ensino Fundamental I do turno da manhã, desta Instituição de Ensino. Nos meses de novembro e dezembro de 2020, só consegui selecionar três alunos relacionados na lista de presença virtual e se tornaram o objeto da minha pesquisa que visou abordar uma definição sobre o contexto de do ensino remoto emergencial.

A fim de desenvolver a análise desejada, foi realizada uma descrição da minha experiência profissional no magistério observada nos meus dez anos, por intermédio da observação sistemática do cotidiano escolar, apreendi a relação professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno, no que diz respeito à expressão verbal, prática não- verbal e prática pedagógica. Além disso, foram realizadas levantamentos bibliográficos no acervo escolar e com o corpo docente, buscando compreender como percebem, entendem e elaboram a formação multiétnica da sociedade brasileira.

Os dados colhidos na escola indicam uma distribuição desigual do contato físico entre as professoras e seus alunos negros e brancos, em como formas diferentes de avaliá-los em suas atividades escolares. Esta diferenciação de tratamento dos alunos em função dos aspectos raciais não deveria ser uma postura considerada ética na escola. Em muitas situações, ainda se perdura o silêncio mesmo na mais tenra idade infantil. De fato, as famílias não sabem lidar adequadamente com atitudes que involvem racismo, preconceito e discriminação étnica.

Sendo assim, habitualmente, o racismo se modula e cresce no espetáculo dos ramos industriais e no entretenimento das massas embora ocorra movimentos de resistência paralelos que suavizam a realidade ainda ferida apesar de reconhecer as distorções. Considerando seus campos de atuação e suas preferências, costumam a atuar com a crença na sociedade brasileira, de que está é plástica e

predominantemente branca fora o fato de ainda persistir uma visão eurocêntrica.

Esse estudo tem por finalidade realizar uma pesquisa, uma vez que utilizará conhecimento da perspectiva conceitual e metodológica do “paradigma do Outro” na visão difundida e defendida por Roseli Fischmann (1993, p. 63) para quem:

> trabalhar com questões inerentes à condição humana é assumir um compromisso, e em especial no caso da pesquisa educacional, estabelece premissas metodológicas claras: a melhoria das condições básicas de vida do sujeito da pesquisa é a finalidade da busca do conhecimento, não só como indivíduo, mas também como partícipe de uma coletividade social.

Com a utilização desse método, chega-se a construção de um conhecimento sobre a grandeza dos movimentos de resistência negra esclarecedores e de indicadores de uma justiça racial, contribuindo assim para a formação da consciência crítica do pesquisador aprendendo algo que antes conhecia superficialmente.

Esse percurso foi traçado dentro do meu contexto da sala de leitura escolar é do ímpeto de dialogar com as questões raciais por dividirem a humanidade em grandes grupos existem razões lógicas da presença do racismo que formam ideologias essencialistas na caracterização das relações de poder e dominação tão incrustadas na sociedade brasileira desigual.

Os dados são informações evidenciadas nos anos de docência no ensino Fundamental I. As informações qualitativas e as observações feitas permitem repensar as perguntas formuladas podendo ir de um ponto a outro de modo simples e linear. Na coleta de fontes bibliográficas é possível desenvolver um produto educacional tecnológico que adquiriram sentidos e discursos que abordam a discriminação racial.

A reflexividade se dará com a pesquisa na prática e o pensar conforme o tema exige agir sobre os indivíduos estudados, conforme Bourdieu (2005) preconiza a necessidade de construir constantemente o conhecimento que colabore com o agir na sala de aula e como ficará os públicos vulneráveis incluindo os alunos da escola pública. Repensar o cuidar com as metodologias ativas com o propósito de dialogar com as peculiaridades locais e sociais do entorno pesquisado ao restringir um olhar mais aguçado sobre a unidade escolar pesquisada.

4.1 A Pesquisa Exploratória

Segundo Cervo, Bervian, e Silva, (2007, p. 63-64):

> Pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes. Esse tipo de pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação. Recomenda-se a pesquisa exploratoria quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado.

A utilização da pesquisa exploratória, indicou o rumo incial para o prosseguimento das demais investigações. Como passo inicial para a elaboração do trabalho e uma melhor formulação de dados significativos abordados, permitiu facilitar a ajuda aos grupos minoritários na conquista e defesa dos direitos afrodescendentes por lutas emancipatórias.

Conforme Silva & Menezes (2000, p. 47), a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e defina suas propriedades. Os autores também observam que o estudo não se esforça para explicar o fenômeno que descreve, embora esteja subjacente a essa explicação.

Diante das caraterísticas colocadas, as pesquisas descritivas demonstram de maneira mais eficaz os principais desafios encontrados pelos professores regentes da escola pública sobre como trabalhar a identidade negra no bojo da informação e tecnologia com o papel pedagógico dos meios de comunicação que exploram potencialidades adotadas pelo cotidiano estudantil corroborando o universo da internet das coisas e a expansão do Ensino Híbrido dentro da realidade do século XXI (CASTELLS, 2012).

Sendo assim, diante de várias informações é fundamental a utilização da pesquisa bibliográfica que de acordo com Cervo, Bervian, e Silva, (2007, p. 60):

> A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertação e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema.

Correlaciona-se assim, de forma muito eficaz as informações científicas já existentes abordadas por autores e estudiosos consagrados, com as informações

obtidas nas correntes defendidas verificar propostas imprescindíveis na realização de uma sociedade justa sem neutralidade e sim erguida com a existência dos negros nas relações raciais.

Para Lehfeld (2007, p. 112), pesquisar perpassa uma análise detalhada da amostra escolhida quando:

> Caracteriza o estudo de caso como modalidade de estudo nas ciências sociais, que se volta á coleta de e ao registro de informações sobre um ou vários casos particularizados, elaborando relátorio crítico organizado e avaliados, dando margem a decisões e intervenções sobre o objeto escolhido para investigação.

Assim, reúne-se um grande número de informações detalhadas a partir de uma análise das teorias críticas de curriculo com a finalidade de trazer maior conhecimento sobre o assunto. Desse modo até mesmo levar ao diagnóstico de soluções para o problema levantado.

Para garantir o anonimato e assim uma maior liberdade da pessoa na concessão das respostas e garantindo uma menor possibilidade de interferência do pesquisador serão aplicados, um levantamento bibliográfico que segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 53) “é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja” com perguntas específicas para uma compreensão mais rica do fenômeno, as opiniões serão apresentadas em comparações entre relatos que não podem ser comparados.

Uma das etapas que nortearam a pesquisa foi o ano atípico de 2020, para a Educação antirracista no âmbito educacional realizada de modo remoto na cidade do Rio de Janeiro e ainda um estudo de caso com os estudantes oriundos de uma escola pública localizada na Lagoa, sendo feita uma compreensão parcial das dificuldades levantadas no acompanhamento dos conteúdos curriculares pelos alunos do Ensino Fundamental I.

Nesse processo, existem barreiras nítidas acerca da inclusão digital embora tivesse ocorrido uma reconstrução de ambiências em virtude da pandemia vistas com o uso da plataforma Teams e vídeo-aulas em mídias sociais especificamente com a adoção do Facebook utilizados na tentativa de se alcançar os anos iniciais uma parcela significativa na conjuntura mundial pandêmica. Acredita-se que com esta pesquisa seja possível identificar as dúvidas e os desafios ar as dificuldades, além de ser útil para outros docentes trabalhadores de diferentes unidades escolares.

4.2 A Sequência Didática (SD) e a Sua Elaboração

A principal proposta da pesquisa foi a criação de uma sequência didática (SD) com o uso da ferramenta tecnológica “Realidade virtual Aumentada” junto à perspectiva de uma educação dialógica e antirracista com o intuito de repensar a implantação dos currículos. A escola não deve ficar indiferente às inovações, pois elas fazem parte da vida e acompanham os humanos.

Desse modo, ao analisarmos as novas formas de produzir conhecimentos e compartilhar informações, o ciberespaço oferece uma oportunidade para remover barreiras como tempo e espaço e, através da exposição e domínio de novas tecnologias, desenvolver novas habilidades fundamentais: como pensamento crítico; pensamento hipotético e dedutivo; observação e pesquisa; julgamento; a capacidade de lembrar e classificar; Leitura e análise de texto e imagens; imaginação; representação em redes e procedimentos e estratégias de comunicação (ALAVA, 2003).

Esta última foi usada por mim com o uso do aplicativo bitmoji. Nas aulas mencionadas da sequência didática, usei essa ferramenta para criar um ambiente virtual empático durante a interação. Sendo que a experiência, possibilita um contato com objeto tridimensional muito mais atrativo para eles do que uma leitura decodificada de um livro. Induzir a aprendizagem de modo interessante e lúdico com a utilização do ensino remoto. Desse modo, podemos dizer que a realidade aumentada é um sistema complementar ao mundo real, adicionando componentes virtuais, como sons, imagens e vídeos a objetos reais, enriquecendo a experiência do usuário com aquele ambiente e/ou objeto real por meio de ferramentas tecnológicas, como tablets e smartphones (KIRNER, 2011).

Em uma SD, como no caso dessa modalidade de ensinar as atividades são organizadas e previstas dentro de gêneros textuais tanto orais ou escritos que promovam um diálogo sobre a temática racial. Segundo Amaral (2015, p. 1):

> as sequências didáticas são um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para a aprendizagem de seus alunos, elas envolvem atividades de aprendizagem e de avaliação.

Figura 12: O emoji simula a professora.



. Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Por sua vez, o desenvolvimento das TIC tem produzido mudanças em vários campos da atividade humana e do conhecimento, sendo a educação um dos campos com grande potencial para implementar e gerar inovação. Nesse sentido, as escolas devem acompanhar os avanços das TIC e implementá-los na medida do possível em ações voltadas para práticas inovadoras, pois segundo Belloni (2005, p. 10):

> a escola deve integrar as Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs porque elas estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando.

Nesse sentido, a proposta do bitmoji auxiliou na criação de um ambiente virtual de aprendizagem de modo a propiciar competências digitais no contexto da sociedade da informação e conhecimento.

Figura 13: Fluxograma do esquema proposto para a Sequência Didática.



Fonte: Arantes (2019).

As sequências de ensino podem organizar exercícios semanais de leitura e escrita, além do planejamento para atingir objetivos específicos do conteúdo por meio de diferentes componentes do curso de forma significativa e contextualizada. (BRASIL, 2012a; 2012b; BRASÍLIA, 2014; 2016).

4.3 A Execução Da Sequência Didática Interdisciplinar

Plano de Aula

Instituição de Ensino: Escola Municipal Edna Poncioni Ferreira

Professor(a): Roberta Lima Duração da atividade: 150 minutos

[X] Ensino Fundamental [ ] Ensino Médio [ ] EnsinoSuperior
Ano de Escolaridade: 4° ano do Ensino Fundamental I

Unidade temática: Transformações e permanências nas trajetórias dos gruposhumanos, Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social; Registrosda história: linguagens e culturas (MODESTO, 2018).

Objetos do conhecimento: O passado e o presente: a noção de permanência eas lentas transformações sociais e culturais. Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas. Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade elencados no Plano Nacional de Educação.

Componente Curricular: Linguagens e Ciências Humanas

Competência Específica: Verificar que no interior de uma sociedade, há formasde registros variados com produção de memórias e elementos que impulsionam os estabelecimentos de identidades e o reconhecimento de pertencimento a um grupo social determinado.

HABILIDADE (EF04HI01): “Reconhecer a história como resultada da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo”.

HABILIDADE (EF05HI04): “Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos”.

HABILIDADE (EF05HI05): “Associar o conceito de cidadania à conquista dedireitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica”.
HABILIDADE (EF05HI07): “Identificar os processos de produção, hierarquizaçãoe

difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória".

HABILIDADE (EF05HI10): "Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo".

Objetivos

Objetivo Geral (Ao final da aula os alunos devem ser capazes de:)

- Analisar a composição histórica e racial do povo brasileiro no passado e as permanências existentes no presente a partir do uso das tecnologias audiovisuais de modo a comparar os impactos positivos da educação antirracista no ambiente escolar.

Objetivos específicos (Ao final da aula os alunos devem ser capazesde:):

- Tratar os temas emergenciais da sociedade brasileira com os conteúdos interdisciplinares de forma pedagógica

- Utilizar as ferramentas digitais para possibilitar a ideia de pertencimento aos grupos sociais com o intuito de diluir o racismo inconscientemente impregnado nos ambientes de convívio

- Retratar uma realidade defensora dos direitos humanos e defensora de uma vida pessoal digna e diversa

- Expressar a ética e a identidade cultural dos povos africanos a partir da literatura infantil com reflexões acerca dos padrões de beleza e desconstruir estereótipos sobre ideologias racistas.

Conteúdos

Descrever o conteúdo programático em tópicos.

- Ética
- Cidadania
- Interpretação textual dos elementos implícitos e explícitos
- Diversidade cultural

Metodologia

Forma com que o conteúdo será apresentado (vídeos, dinâmicas, aula expositiva...)

1ª etapa – Fazer uma roda de conversa sobre a temática da aula que permita uma sensibilização da abordagem teórica a ser introduzida. Os alunos serão indagados sobre situações cotidianas que já vivenciaram nos cotidianos ou até mesmo dentro da realidade escolar. Eles irão expor seus pontos de vistas e relatos ocorridos que mexeram com a sua autoestima e subjetividade.(50 min)

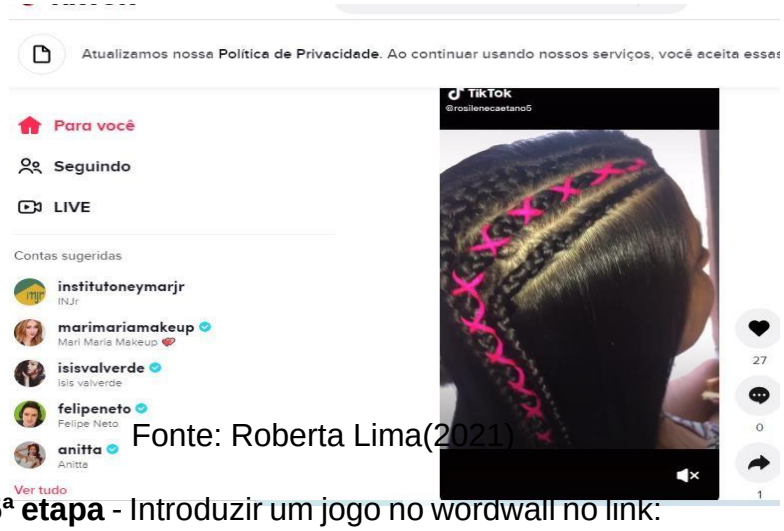
2ª etapa – Realizar um trabalho com tema-gerador de modo a criar uma postura reflexiva e atuante sobre as narrativas apresentadas pelos alunos. Os alunos reconhecem atitudes racistas e buscam criar saídas para amenizar certas conotações negativas e subestimadas do que já leram ou ouviram sobre o tema transversal da aula. (30 min)

3ª etapa – Fazer uma contação de Histórias a partir do livro infanto-juvenil chamado “A História dos escravos” (2014), da Historiadora Isabel Lustosa com a finalidade de esboçar uma diagnose sobre como os alunos irão avançar nos contéudos relacionados a História Africana e Afro-brasileira e desenvolver significados que são apreendidos na relação com o mundo e nos contextos sócio-culturais. (30 min)



Fonte:Roberta Lima (2021)

4ª etapa- Inserir o tiktok https://vm.tiktok.com/ZMeyeR2dg/ e visualizar o slideshow das imagens sobre os penteados da cultura afro-brasileira. As crianças irão descrever se já viram esses tipos de tranças e irão identificar a presença cultural e étnica na sociedade brasileira de modo a perceberem a herança racial presente. (15 min)



Fonte: Roberta Lima(2021)

5ª etapa - Introduzir um jogo no wordwall no link: https://wordwall.net/pt/resource/6921642

Os fatos históricos acerca do povo afro-brasileiro serão abordados com a finalidade e perceber

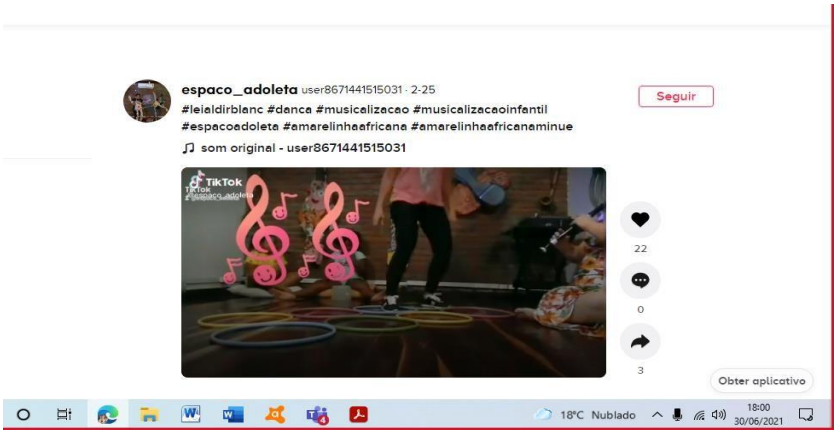
as características escravocratas e relacionadas as informações obtidas do livro da Isabel Lustosaao abordar um passado colonial e hierárquico(10 min).Segue o link para a verificação da plataforma e a sua utilização:

https://youtu.be/FXZ9iQvg87o

6ª etapa – Visualizar uma característica da cultura africana por intermédio da dança. Os alunos podem fazer em casa e criar uma coreografia própria, desde que, lembre a musicalidade presente no gesto dançante. Tal atividade possibilitaria uma aprendizagem socioemocional a partir de uma metodologia ativa de modo a verificar o desenvolvimento integral das crianças e autilização das TICs para atribuir conceitos procedimentais sobre as interações sociais verificadasnas práticas pedagógicas e os resultados atingidos pelos alunos na construção da consciência negra e o contexto sociocultural da sociedade brasileira.

(20 min)

https://vm.tiktok.com/ZMeyeRtKg/



7ª etapa - Avaliação

✓ Utilizar o padlet com a finalidade de responder as seguintes questões: “O que mais te impressionou no Brasil dos escravos ?

✓ Vocês já ouviram falar do movimento “Black lives matter” ?

✓ Escreva uma frase que você subentenda a ocorrência de alguma conotação racista ou que já tenha ouvido falar no seu cotidiano ?

Recursos

Descrever os recursos necessários para o desenvolvimento da aula

- Tablet
- TikTok
- Plataforma online Wordwall
- Computador ou notebook
- Celulares
- Criação individual de um contéudo virtual sobre a música africana contida na dança

Avaliação

- Apresentação dos vídeos produzidos pelos alunos no formato do Tiktok, exposição oral sobre o fato mais emocionante, no caso, o clímax contido no livro infanto-juvenil da Historiadora.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Lessard (2009, p. 45) expressa bem o impacto enfrentado pelos docentes e os dilemas estruturam a identidade deles nos mais diferentes níveis e aspectos da:

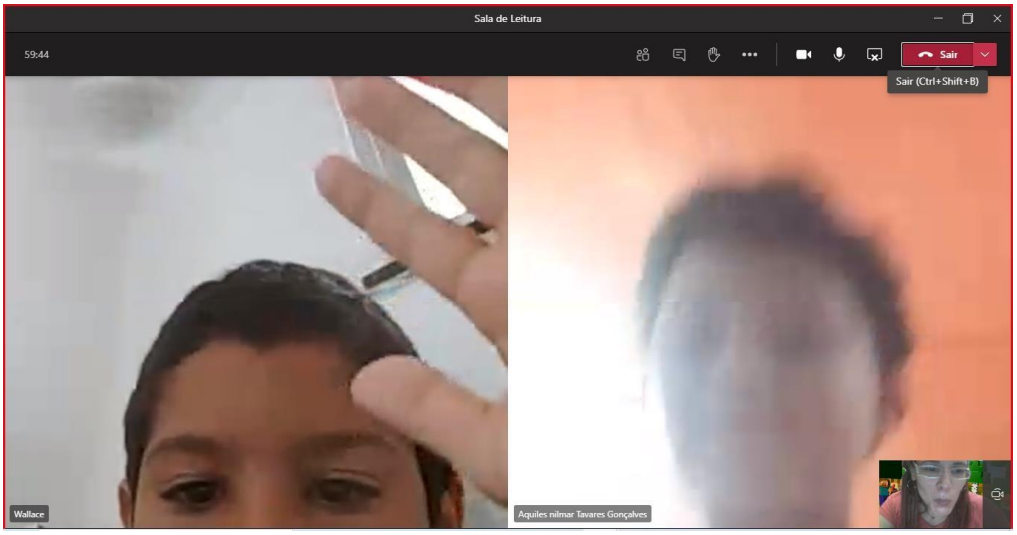
> autonomia e controle na realização da atividade docente, burocratização e inderteminação da tarefa, generalidade dos objetivos educativos e rigidez dos programas e recursos didáticos, universalidade do mandato e individualidade dos alunos, rotina das tarefas e imprevisibilidade dos contextos de ação, relações profissionais com os alunos, acompanhada de um grande investimento afetivo e pessoal, etc.

Nesse sentido, as mudanças histórico-sociais foram necessárias com atividades síncronas com aprendizagens propícias pelo saber fazer que estimulem a curiosidade dentro de uma perspectiva exploratória. A imagem baixo permite propiciar reflexões co-participativas com a diversidade de experiências educacionais e voltadas a uma participação mais ativas dos envolvidos.

Alves (2006, p. 61) quando afirma:

> Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No princípio está a Palavra...” É pela palavra que se entra no mundo humano.

Figura 14: Encontro virtual com os alunos para a minha coleta informativa sobre a adequação do novo formato de ensino digital.



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Da mesma forma que com relação aos alunos, foram selecionados colegas de trabalho atuantes no mercado de trabalho do município do Rio de Janeiro. Buscou-se contatos de professores já conhecidos das redes sociais, tanto em escolas públicas como também aqueles autônomos. Ao todo foram relacionados 4 alunos que se tornaram também objeto de pesquisa e dois professores.

5.1 Estudo Sobre O Impacto Da Sequência Didática na Proposta De Ensino Híbrido na Turma de 4° Ano do Ensino Fundamental I no Ano de 2020 Durante o 2° Semestre.

As pesquisas foram realizadas por meio de conversas informais e aplicação da sequência didática que permite a criação, o compartilhamento e a difusão do ensino digital iniciado no ano de 2020. O resultado da pesquisa compreendem pensar sobre as novas tecnologias digitais nos padrões sociais cotidianos. Sendo Assim, um fator relevante a ser considerado diante do distanciamento social e no contexto pandêmico. Verificou-se discutir como minimizar as dificuldades de implementação do Ensino Híbrido com base nas experiências desenvolvidas na modalidade remota e por meio de pesquisas digitais sobre o uso das inovações tecnológicas como recurso orientador pedagógico. Para coleta de dados, utilizou-se um levantamento de histórias de cunho racial sobre a literatura infantil com enfoque protagonista negro e quais

seriam as demandas curriculares para utilizar as inovações tecnológicas no espaço escolar e, teve o objetivo de obter informações mais abrangentes sobre o assunto da pesquisa voltada ao atual momento de perdas referentes a fatores socioemocionais e ganhos digitais. Inicialmente teve o intuito de reconhecer o perfil da realidade educacional brasileira de um modo genérico e transformador.

De acordo com as minhas conversas informais com mães dos alunos, existe a falta de oportunidade em se adotar as metodologias ativas com mais regularidade nas atividades o que gera uma grande dificuldade, seguido da falta de segurança em usá-las com mais liberdade, as ferramentas tecnológicas não são aplicadas nos seus lares e muitos dizem não ter a menor dificuldade.

Com as questões levantadas acima, percebe-se que a falta de oportunidade para os professores em obter maiores contatos com as metodologias ativas foram o grande destaque. A questão principal, é expor o principal desafio: "Como implantar a inclusão digital para os alunos da rede pública e qual seria o obstáculo em possibilitar um tipo de aprendizagem interdisciplinar e democrática?”

Os principais dilemas levantados são atualmente a insegurança por vivermos na era das incertezas, a renovação do mercado de trabalho e a falta de experiência em lidar com o mundo cada vez mais hiperconectado. Referente à insegurança, as minhas conversas informais relataram sobre o medo de atuar e tomar decisões básicas com o fim da pandemia, por se comparar com profissionais mais qualificados e de aplicar os conhecimentos aprendidos nesse “novo normal” com a prática. No tópico mercado de trabalho é nítido às exigências e as oportunidades que o mesmo solicita. Já a falta de experiência nesse universo cibernético o faz se deparar com situações que exijam proatividades e engajamento com as inovações além do avanço da inteligência artificial.

A minha recomendação a ser destacada sobre os anseios do futuro profissional dos professores versus aos recém-formados é baseada na experiência desse panorama pandêmico como professora, o conselho a dar para os ingressantes no magistério seria ter: persistência nos objetivos, buscar continuamente o aprendizado, ser humilde e ter Ética profissional. Essa última muito importante no convívio cotidiano. Para persistir nos objetivos, pois a conquista nem sempre virá nas primeiras

tentativas com o uso da tecnologia móvel sendo necessária uma busca de aprendizado e formação contínua. Relato a importância em se realizar especializações e possuir habilidades comportamentais. No termo ser humilde está relacionado ao fato de saber voltar atrás, reconhecer os erros e resolvê-los da melhor forma possível. Já a ética profissional está atrelada em ser um profissional sem desvios constrangedores e não aceitar procedimentos ilícitos e desvios de conduta imorais.

A eminente questão descreve os principais desafios: "Qual o principal desafio do professor no ensino remoto digital?”. Destaco o enfrentamento dos medos e a valorização profissional com oportunidades vantajosas e sem a maior precarização das relações trabalhistas. O surgimento avassalador das novas formas de aprendizagens põe o docente em prova e o faz adotar metodologias ativas

Observa-se que os destaques da minha fundamentação teórica é levantar questões sobre como será o ensino híbrido quando se trata dos desafios e perceptivas do futuro da educação no Brasil. Isso mostra que independente da instituição de ensino, ou se tiver cursos de capacitação extracurriculares, essa insegurança em lecionar sempre irá existir. Dessa maneira esse fato pode ser amenizado, baseado nos conselhos dos experientes. Isso ocorre, pois, eles jpa passaram por experiências parecisas e consideram um fator relevante seguir algumas sugestões, por meio de tecnologias educacionais (BARROS, 2004).

Viso responder se os objetivos específicos foram alcançados, segue a descrição de cada juntamente com o parecer deste estudo. Pode-se observar que as maiores dificuldades que os professores prevêem passar após acabar a pandemia está relacionado com a falta de oportunidade , seguido da falta de confiança em atuar como docente.São confrontados as dos profissionais atuantes que na sua maioria relata que a maior dificuldade também está relacionada a falta de oportunidade, mas em segundo ficaram as exigências do mercado de trabalho nesse novo contexto. Vale destacar que o medo e a insegurança em retornar a modalidade presencial foi um fator relevante destacado tanto pelos professores ao terem de enfrentar desafios.

Com base na sequência didática, a maioria deles relataram alguns pontos importantes para a carreira profissional como: persistência nos seus objetivos, pois a

conquista nem sempre virá nas primeiras tentativas; busca contínua de aprendizado, relatou a importância em se realizar especializações; ser humilde está relacionado ao fato de saber voltar atrás, reconhecer os erros e resolvê-los da melhor forma possível e a ética profissional ligada ao fato de não se corromper e nem aceitar subornos. As questões descritas acima buscaram obter uma visão preliminar a opinião dos alunos atuantes no Ensino Fundamental I, que com seus olhares deram sinais de como aprender remotamente com as alternativas oferecidas no contemporâneo pandêmico" (BARROS, 2004).

Discutir como minimizar as dificuldades do momento atual com base nas experiências obtidas pelas novas tecnologias inovadoras, expõe formas de reduzir as dificuldades discentes seria a persistência nos objetivos, pois as conquistas almejadas nem sempre virá nas primeiras tentativas. A busca contínua de aprendizagem, não ficará somente nas teorias aprendidas em sala de aula sendo importante o professor ter sempre o interesse em querer aprender mais, seja pela realização de cursos ou leituras constantes. Ser humilde para saber reconhecer os erros quando necessários e compreender que sempre é necessário se atualizar e que nunca se sabe de tudo e ética profissional para não se corromper e nem aceitar subornos.

Vale destacar que os alunos estão se adaptando ao ensino que rompe com modelos rígidos, e apesar deste dado, os mesmos preveem que a falta de oportunidade juntamente com a falta de confiança em atuar como protagonistas nas salas de aula invertida ainda seriam suas grandes dificuldades. Fato esse que poderá ser comprovado ao levantarmos a questão dos principais desafios que irão encontrar, no qual a maioria relata que a aplicação dos conceitos teóricos na prática será um grande desafio. Outro fato relevante é que enfrentar os condicionamentos da sociedade democrática brasileira quando subestima o lugar/condição de negros e negras, sem dúvida, se torna um dever ético contra a discriminação imoral.

Para finalizar, nos meus diálogos informais com os professores atuantes apresentamos as seguintes recomendações: a realização de estágios durante a graduação; a capacitação e busca do conhecimento; trabalhar e estudar mais do que na graduação; buscar oportunidades na área digital e ampliar os horizontes durante a vida, e não buscar somente salários e sim satisfação pessoal para conseguir se destacar; persistência nos objetivos, busca contínua de aprendizagem,

ser humilde, se especializar, ser responsável e não se deixar levar por situações adversas relacionas a infraestrutura de trabalho. A escolha da certeza no erro em continuar com tendências pedagógicas ultrapassadas nos põem em testagem que um acerto facilmente perecível nos faz acreditar ainda mais na capacidade profissional de aperfeiçoamento.

Além disso, não desistir na primeira porta que se fecha e ter humildade para aprender com os profissionais mais antigos e estudar sempre porque no Ensino Fudamental I tem-se a condição precípua de trabalhar todas as áreas de conhecimento. A visão ocidental do tempo nos exige trocar experiências com outros campos de saberes adotados pela proposta interdisciplinar.

A literatura infantil como a entendemos hoje está muito distante do que as crianças e adolescentes liam no passado, pois no passado havia uma concepção antiga e mesquinha do indivíduo infantil segundo a qual ele seria um adulto em miniatura, uma realidade que nos obriga a também defender discussões de identidade, como Peres; Marinheiro; Moura (2012, p. 2).

> A história da literatura infantil está intimamente relacionada à história do conceito de infância, e os primeiros livros infantis foram publicados apenasno final do século XX. Antes disso, século XVIII, não há escrita para crianças, porque hoje não existe ‘infância’; crianças e adultos compartilham as mesmas atividades sociais

Em pouco tempo, quando já havia um aspecto voltado para o mundo infantil, o obstáculo era superar a baixa percepção desses textos, considerados inferiores e pouco literários em relação à escrita destinada aos adultos. Hoje, o termo literatura infantil designa um dos nossos mais ricos departamentos de produção editorial no Brasil e no exterior, reunindo uma gama de profissionais de diversas áreas, participando da produção e se profissionalizando cada vez mais.

Personagens negros só apareceram no final dos anos 1920 e início dos anos 1930. Deve-se lembrar que o cenário histórico em que a primeira história negra foi publicada era uma sociedade que acabava de emergir da escravidão de longa data. Sentir-se representado, identificar-se com alguém no centro das atenções (seja na vida real ou fictícia) pode não parecer, mas é algo que milhões de pessoas ao redor

do mundo negam, especialmente se são pessoas de cor e pessoas fora do padrão. Heterossexual, cisgênero e classe média. Assim, sabemos que a literatura infantil negra é um conjunto de obras literárias criadas para a infância que representam temas centrais da história e da cultura negra, tanto na diáspora quanto no continente africano.

É muito importante que as crianças tenham papéis com os quais se identifiquem, que sejam diversos e plurais. As crianças precisam e merecem sentir os sentimentos representados pelos personagens que admiram, pois contribuem para a formação cultural, intelectual e emocional do ser humano. A literatura negra é entendida como obras literárias com pessoas negras como corpo principal da escrita. É a partir da subjetividade de mulheres e homens negros, de suas vivências e de suas perspectivas, que são tecidas as narrativas e os poemas que se enquadram nessa categoria. Por meio de livros, filmes e documentários, temos uma oportunidade única de conhecer o Brasil e a história de nossos ancestrais. A literatura não pode eliminar o racismo, mas pode capacitar leitores negros e leitores brancos a aprender mais sobre nossa história.

Enquanto as negras ou negras mais velhas do campo são descritas como trabalhadoras, com alma, contadoras de histórias, as últimas representantes do folclore nacional, a representação negra nas cidades é muito diferente. Ao contrário da imagem dos idosos, os jovens negros raramente aparecem na literatura infantil. Isso porque ele é visto como perigoso, ladrão, mendigo, reflexo dos jovens negros na sociedade urbana pós-abolicionista. Os escravos mais velhos que viviam no campo, em sua maioria, ainda trabalhavam como servos ou domésticos para seus antigos senhores, geralmente em troca de abrigo e comida. Enquanto isso, jovens escravos que vivem na cidade, recém-libertados e não querendo sucumbir a condições semelhantes às de seus escravos, encontram-se sem casa, propriedade e muitas vezes sem emprego. Esse fato levou a um aumento considerável da marginalização desse segmento da população negra na época.

Ao longo da história da literatura nacional, os personagens negros foram representados majoritariamente por estereótipos que, como já mencionamos, destacavam negativamente suas características físicas e hábitos de higiene, questionavam sua inteligência e os marginalizavam ou subscreviam. Em parte, essas

tendências continuam até hoje, em grande parte devido à relação de poder e preconceito historicamente enraizada na natureza humana. O autor argumenta que, embora não possamos mudar o passado, podemos entendê-lo de forma diferente agora. No entanto, ao ler obras com referências tendenciosas que distorcem imagens de pessoas negras, atenção e discussão especiais são necessárias para evitar que valores falsos sejam reforçados. Assim, questionar, criticar e interpretar textos criados em outros momentos continua importante, principalmente nas escolas.

A abolição e o silêncio dos personagens negros se refletem na construção e apresentação desses personagens. Personagens brancos têm aparecido com mais frequência nas histórias e, em sua maioria, sempre ocuparam um lugar privilegiado e de destaque na sociedade. Eles são sempre heróis e heroínas inocentes, bons experimentado, finalmente colheram a felicidade e alcançaram o sucesso ideal em suas jornadas. Além de serem considerados indivíduos ou súditos, são sempre dotados de virtude e sabedoria "normal".

O que resta para os personagens negros são personagens subordinados, que são inferiores aos brancos, além de estarem em níveis "anormais", são diferentes, pobres, marginalizados e suas condições sociais, econômicas e culturais são inferiores aos brancos. Um olhar sobre os clássicos da literatura infantil é suficiente para confirmar esse fato: a princesa e homens e mulheres, não importa quantas dificuldades e dificuldades tenham o príncipe, a heroína e o herói, tanto na aparência quanto nos costumes, seguem o modelo europeu de ser, como vemos ao visitar qualquer conto de fadas que o mundo das histórias infantis hora da história. As chances de encontrar um personagem negro nessas histórias são praticamente nulas.

5.2 DISCUSSÃO

O espaço *on-line* e presencial possibilita construir ambientes de aprendizagem potencialmente produtivos. No entanto, cabe ao professor se desenvolver na nova era digital com inovação e habilidades críticas sobre a escrita e temas transversalizados. Tal desafio requer uma participação ativa na ressignificação de sentidos nas práticas de ensino em que os docentes da Educação

Básica precisamintegrar as tecnologias digitais para além da sala de aula.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho possibilitou conhecer de forma mais contundente a educação antirracista atrelada ao uso das Novas Tecnologias digitais da educação. O levantamento da literatura infanto-juvenil com a temática negra retratou a construção do outro como aquele sem possibilidades de se inserir socialmente tanto como detentor de poder ou com algum lugar de destaque.

Podemos observar dentre as ferramentas educativas,verificou-se uma forma de identificar a importância de infraestrutura adequada para a aprendizagem mediada pelas TDIC. Existe, de fato, a ausência de métodos de planejamento para este estudo. A primeira questão a ser entendida é a formação continuada de professores e o acesso deles aos diferentes dispositivos para o auxílio nas atividades pedagógicas, assim como a necessidade de maior engajamento e o quanto se torna premente a melhoria das condições profissionais, para que o ambiente pedagógico tenha acesso às tecnologias.

A apresentação da sequência didática permite constatar que a aplicação recurso digitais inovadores em aulas facilitam o engajamento, a criatividade,a interação e criação no aprendizado por meio das diferentes linguagens na expansão dos conteúdos curriculares mediante a construção de novas narrativas digitais com jogos e mídias sociais. Portanto, o uso do tema transversal e de enfoque interdisciplinar contribuiu para dialogar com o legado racial sendo uma dívida histórica não conscientizar as futuras gerações sobre o passado escravista que precisa de uma orientação didático-pedagógica afro-centralizada.

O objetivo geral foi identificar a importância da identidade cultural dos povos africanos dentre uma das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular e observar a cultural digital como um modo de difundi-la na redução da desigualdade racial. Percebeu-se que para promover a educação antirracista, é preciso reconhecer que o racismo também existe nas escolas. Isso porque não se trata de um espaço

social imune e dividido – é constituído e construído pelas mesmas pessoas que circulam fora desse espaço.

As histórias e práticas culturais africanas e afro-brasileiras nas escolas contribuem para o autoconhecimento e a aceitação de identidades entre jovens e crianças negras, além de contribuir para a igualdade racial desde cedo. A lei 10.639/03 também aponta currículos que reduzam o etnocentrismo e uma educação mais ampla e diversificada.

A promoção da educação no antirracismo também envolve a revisão de programas de ensino político, currículos e práticas pedagógicas, introduzindo referências negras nas menções culturais apresentadas, imagens nos murais escolares e abordagens em todas as áreas do conhecimento. As escolas desempenham um papel importante na busca por uma educação equitativa e consciente. Proporcionar aos alunos, professores, pais e ambiente escolar uma melhor compreensão das questões étnico-raciais que visam compreender as causas e consequências de tudo que permeia o combate ao racismo.

REFERÊNCIAS

AJAYI, J. F. Ade. **General History of Africa: Africa in the Nineteenth Century Until the 1880s**. Los Angeles: University of California Press, 1998..

ALAVA, Séraphin. **Uma abordagem pedagógica e midiática do ciberespaço**. Revista Pátio, RS, n.26, p.8-11.2003.

ALVES, W. R.; LOBATO, L. L.; BITTAR, T. J. **Desenvolvimento de Jogos Digitais Educativos e sua aplicação como ferramenta de Ensino**. p. 271–274, 2013.

AMARAL, Assunção José Pureza. **Da Senzala ao Quilombo: Práticas Educativas e uso de Recursos Naturais entre os Quilombolas do Médio Amazonas Pará**. Tese (Desenvolvimento Socioambiental), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA/UFPA. 2008.

AMARAL, Heloísa. **Sequência didática e ensino de gêneros textuais**. Portal escrevendo o futuro. 2015. Disponível em https://www.escrevendoofuturo.org.br/ /nossas-conteudo/ biblioteca publicacoes/revista/artigos/artigo/1539/sequencia-didatica-e-ensino-de-generostextuais Acesso em: 23 de set. 2013.

ANJOS, R. S. A. **A utilização dos recursos da cartografia conduzida para uma África desmistificada**. Revista Humanidades. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 6 (22): 12-32, 1989.

ANJOS, R. S. A.**Coleção África–Brasil: Cartografia para o ensino–aprendizagem**. Brasília: Mapas Editora, 2000.

ARANTES, Sheila da Silva Ferreira. **Reforço escolar em sociedades civis em prol da alfabetização: interface entre sequências didáticas e ferramentas digitais / Sheila da Silva Ferreira Arantes**. - Rio de Janeiro, 2019. 341 f.

ARAÚJO, E. C.; SOARES, L. F. G. **Designing iDTV Applications through Interactive Storyboards**. Proceedings of the 20th Brazilian Symposium on Multimedia and the Web - WebMedia 14, p. 5–12, 2014.

BARROS, E. P. Michel Maffesoli: a pós-modernidade se orienta para “algo de anarquista”. Em Questão, v. 19, n. 2, p. 12-19, 2013. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9872. Acesso em: 04 set. 2022.

BASTIDE, Roger**. Estereótipos de Negros através da literatura brasileira**. IN: Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva. 1973

BEDWELL, W. L. et al. **Toward a Taxonomy Linking Game Attributes to Learning: An Empirical Study. Simulation & Gaming**, v. 43, n. 6, p. 729–760, 2012.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação?**Florianópolis: Autores Associados, 2005.

BERTIN, R.; WEBBER, C. G. **Desenvolvendo Jogos Educacionais Por Meio de**

Softwares de Autoria. p. 1–10, [s.d.].

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. **A Inclusão da História e da Cultura Afrobrasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica**. Revista Mestrado em História, v. 12, n. 1, jan./jun. Vassouras: 2010, p. 71-84.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2005.

BRASIL, Ruptura da inexistência racista no Brasil: **Ações afirmativas. Este é o caminho**. Fundação Palmares: MEC, jun/2006 2006. 1 CARTAZ. p.11.

BRASIL, **Secretaria de educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela Educação na Idade Certa: a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento**. Brasília: MEC, SEB, 2012a.

BRASIL, **Secretaria de educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional**. Pacto nacional pela Educação na Idade Certa: planejamento e organização da rotina na alfabetização. Brasília: MEC, SEB, 2012b.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação**. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. [acesso 2021 mar 10] Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>.

BRASIL.**Relatório Final da I Conapir**. Brasil: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social (Seppir), 2005.

BRASÍLIA**, Diretrizes Pedagógicas do Bloco Inicial de Alfabetização**. 3. ed. Brasília, 2012. Disponível em:Acesso em: 10 de nov. 2016.

BRASÍLIA. **Diretrizes Pedagógicas para Organização Escolar do 2º Ciclo para as Aprendizagens: BIA e 2º Bloco**. Brasília, 2014.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CASTELLS, M. A. **Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2012.

CAVALLEIRO, Eliane(org.).**Racismo e antirracismo na educação:repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

CERVO, a. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, **Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2000.

CHAVES, E. O. C. **O computador na educação e informática**. Rio de Janeiro: Educom, 2016.

COUTO, Mia. **Mensageiro frequente**. Lisboa: Caminho, 2011.COUTO, Mia. **Vinte e zinco**.Lisboa: Caminho, 2004.

D'ASESKY, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo-Racismos e antirracismos no Brasil**. Ed. Pallas, 2001

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: **caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Entrevista concedida a Moacir Gadotti.

F. A. P**. Aprendizagem baseada em jogos digitais: a contribuição dos jogos epistêmicos na geração de novos conhecimentos. Novas Tecnologias na Educação**. CINTED-UFRGS. v. 14. n. 1, p. 1-11, 2016. 15 fev. 2021.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FARIAS, Jessica Oliveira. **A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA**. 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5521/552157593002/html/. Acesso em: 20 jan. 2022.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 1972.

FERREIRA JUNIOR, Sílvio. Rafael. **Algumas lições do racismo brasileiro verbal**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.

FINLEY, Moses I. **Escravidão Antiga e Ideologia Moderna**. Rio de Janeiro: Ação Educativa, 2004.

FISCHMANN, Roseli. **O Estrangeiro**. Jornal Correio Braziliense, colunaOpinião.Brasília. 05 de nov. de 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. A educação neste fim de século. FORMA, n.38, p.5-6, dez. 1990.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade, 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record,1992. GIZLENE, Neder .**Violência & Cidadania**, Porto Alegre, S.A. Fabris, 1994.

GÓIS, Lúcia Pimentel**. Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela

implementação da lei 10.639/03. In: MOREIA, Antônio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (Orgs). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petropólis: Vozes, 2010b.

GÓMEZ, G. O. (2002).**Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI**. Comunicação & Educação, (23), 57-70. GRAAL Editora, 1991.

GONTIJO, R. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

INOCÊNCIO, N.O. **Corpo negro na cultura visual brasileira**. In: UNB. Centro de Educação à Distância. Educação Africanidades Brasil. Brasília: UnB/CEAD,2006. p.185-192.

KIRNER, C. **Realidade Virtual e Aumentada: definições. 2011**. Disponível em:<Disponível em:http://www.ckirner.com/realidadevirtual/?DEFINI%C7%D5ES >. Acesso em:01 nov. 2017.

LEHFELD,N.A.S. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

LIMA, Mônica. **Aprendendo e ensinando história da África no Brasil: desafios e possibilidades.** In: ROCHA, H. A. B.; MAGALHÃES, M. de SOPES, A.L. **Currículo, escola e relações étnico-raciais. In: UNB. Centro de Educação à Distância**. Educação Africanidades Brasil. Brasília: UnB/CEAD, p.13-31, 2006a.

LOVEJOY, PAUL. **Escravidão na África: uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

M. Duster) . Chicago/Londres, University of Chicago Press, 1970), p. 78-9.

MARTINS, José de Souza. **A dialética do corpo no imaginário popular**. In: Sexta-feira, antropologia, artes, humanidades, São Paulo, Pletora, n.04, p.46-54, 1999

MARX, Anthony W. **A Construção da Raça e o Estado-Nação.** Estudos Afro-Asiáticos, n°29, pp. 9-36, 1996.

MATTOS, Hebe. **Pretos' and 'pardos' between the cross and the sword: racial categories in Seventeenth Century Brazil**. Revista Europea de Estudios Ltinoamericanos y del Caribe, 80:43-55, 2006.

MELGAÇO, Paulo. **Mercedes Baptista, a Criação da Identidade Negra na Dança**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

MENEZES, C. S. (Org.). **Informática educativa II - linguagens para representação do conhecimento**. Vitória: UFES, 2003.

MONTEIRO, J. C. S. **Dá um like, se inscreve no canal e compartilha o vídeo: a atuação de professores como booktubers no YouTube**. Humanidades & Inovação,

v. 7, p. 276-285, 2020.

MORAES, J. V.; CASTELLAR, S. M. V. **Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos**. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v. 17, n. 2,p.422-436, 2018. 10 fev. 2021.

MORAES, J. V.; CASTELLAR, S. M. V. **Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos**. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v. 17, n. 2, p.422-436, 2018. Acessado em 10 fev. de 2021.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, K. Apresentação. In:. **Superando o racismo na escola** .2. ed.Brasília: MEC-SECAD, 2005.

MUNANGA, Kabengele (Org.).**Estratégias e políticas de combate à discriminação racial.** São Paulo: EDUSP/Estação Ciências, 1996.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino**. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo:Global; Ação Educativa, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **A identidade negra no contexto da globalização**. In: Ethnos Brasil, Ano I – nº 1, março de 2002, pp.11-20. – UNESP.

MUÑOZ,Carlos. **Las Tic's como herramienta tecnológica**. Actiweb: Colômbia,2012.

MUSSO, P. A Filosofia da Rede. In: PARENTE, A. (Org). **Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Editora Sulina, 4ª Edição, 2015.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

NASCIMENTO, E. L. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e autores.** 4. ed. São Paulo: Ética, 2008.

OBSERVATÓRIO DE IMPRENSA. **"Nova estrela na propaganda: o negro"**, copyright O Estado de S. Paulo, 18/05/03.

OLIVEIRA, Fátima Maria de. **Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras/Fátima Maria de Oliveira** – Rio de Janeiro: Editora que aprendi como publicitário, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OUANE, Adama. **Vers une culture multilingue de léducation**. Hambourg: Institut de lUNESCO pour lÉducation, 2020.

PEREIRA, Amílcar. **Escola mais justa: ensino de História e cultura afro-brasileira e africana dá os primeiros passos**. Revista de História. Disponível em: Acesso em: 25 mar. 2021.

PÉREZ-GÓMEZ, A. I. **Os processos de ensino e aprendizagem: análise didática das principais teorias de aprendizagem**. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ-GÓMEZ, A. I. (Orgs.). **Compreender e transformar o ensino** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 27-51.

POZO, J. I. **A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento**. Revista Pátio, Educação ao Longo da Vida, 2004.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A Revolução Brasileira**. São Paulo:Brasiliense,1966.

PRANDI, Reginaldo. **Contos e lendas afro-brasileiros:a criação do mundo**.São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

QUILOMBO. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.**Revista de História da Biblioteca Nacional**, entrevista: “A escravidão está por todos os lados”, p. 40. Ano 7, nº 78, Março 2012.

ROCHA, Claudia Hilsdorf. et al. **Diálogos sobre tecnologia educacional: Educação linguistic, mobilidade e práticas translingues**. Campinas: Pontes, 2017.

SANCHO, Juana Maria et al**. Tecnologias para transformar a educação**. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.

SANT'ANA, A. O. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, K. (Org.). Superando o racismo na escola 2. ed. Brasília: MEC-SECAD, 2005. p. 39-67.

SANTOS, I. A. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos**. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, p. 97-113, 2001.

SANTOS, José Rodrigo Pontes dos**. Juventudes Quilombolas: Memória, Resistência e Construção de Identidades**. [Dissertação Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SANTOS, M. A. **O lúdico na construção da aprendizagem**. WebArtigos, 2011. Disponível em: https://www.webartigos.com/artigos/o-ludico-na-construcao-da-prendizagem/64356/, Acesso em: 05 mar. 2021..

SANTOS, R.;LIMA,J.;ARQUINO,W. **Cultura Afro-brasileira e Consciência Negra: O lúdico como intervenção pedagógica no Ensino de Geografia**. Metodologias e

Aprendizado , [S. l.], v. 4, p. 206–214, 2021.

SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SANTOS,Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Salvador: Edufba, 2005.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004. SENA, S.; SCHMIEGELOW, S. S.; PRADO, G. M. B. C.; SOUSA, R. P. L.; FIALHO,

SIDNEY CALLOUB. **Visões da Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras,1990.

SIEMENS, G. **Conectivismo: uma teoria de aprendizagem para a idade digital**. 2014. Disponível em:

SILVA, Ana Célia da. **A Representação Social do Negro no Livro Didático: o que mudou? Por que mudou?** EDUFBA. Salvador, 2011.

SILVA, E. L.; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED,2000.

SILVA, Felipe Pereira da. **Representação do negro na literatura infantojuvenil de Ana Maria Machado, 2016**. 130 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016. Orientação: Profa. Dra. Maria Goretti Ribeiro, Departamento de Letras e Artes.

SILVA, J.; PINTO, A. **Geração C: Conectados em novos modelos de aprendizagem**. Rio de Janeiro: VIII Brazilian Symposium on Games and Digital Entertainment, 2009.SKIDMORE, Thomas E. (1976) Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOUZA, L. de M. e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **As transformações atuais do ensino: três cenários possíveis na evolução da profissão de professor?** In: TARDIF, M.; LESSARD, C. (Org.) O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis: Vozes, 2009.TIKTOK. **Make Your Day. 2020**. Disponível em: < https://www.tiktok.com/pt_BR/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

THEODORO, M.; JACCOUD, L. **Raça e educação: os limites das políticas universalistas**. In: SANTOS, S. A. (Org.). Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC-SECAD), 2005. p. 103-19.

TONÉIS, Cristiano. **Os games na sala de aula: Games na educação ou gamificação na educação?** .São Paulo: Bookess, 2017.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Temas ambientais como “temas geradores”:**

contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Educar em Revista, n. 27, p. 93-110, 2006. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/67323/38417> . Acesso em: 25 ago. 2010.

VINIH, A. Arthur Vinih e os Malungos – Eu Sou Negão – Clipe Oficial. YouTube, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uPS9hg5nmm4. Acessado em 20 de junho de 2022.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Novas bases para o ensino da historia da África no Brasi**l. In: Educação antirracista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº.10.639/03. Coleção Educação para todos. Brasília: Ministério da Educação 2005.

WELLS, Ida B. Crusade for Justice: **The Autobiography of Ida B**. Wells (org. Alfreda

ZALUSKI, F. C. ; OLIVEIRA, T. D. de. **A Utilização De Jogos Como Proposta De Metodologia Ativa: Reflexões Do Processo De Ensino E Aprendizagem No Ensino Superior**. III seminário internacional de educação ao MERCOSUL. Disponível em:<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2018/3%20-Mostra%20de%20Trabalhos%20da%20Gradua%C3%A7%C3%A3o%20e%20P%C3%B3sGradua%C3%A7%C3%A3o/Trabalhos%20Completos/A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20JOGOS%20COMO%20PROPOSTA%20DE%20METODOLOGIA%20ATIVA%20REFLEX%C3%95ES%20DO%20PROCESSO%20DE%20ENSINO%20E%20APRENDI ZAGEM%20NO%20ENSINO%20SUPERIOR.pdf > Acessado em 10.10.20.